

**SUELI APARECIDA DE PAULA GARCIA**

**O OLHAR A PARTIR DA DEFICIÊNCIA  
UM ESTUDO COM HISTÓRIA DE VIDA**

**CURITIBA**

**2007**

**SUELI APARECIDA DE PAULA GARCIA**

**O OLHAR A PARTIR DA DEFICIÊNCIA  
UM ESTUDO COM HISTÓRIA DE VIDA**

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de licenciado em Educação Física, no Curso de Licenciatura em Educação Física, Departamento de Educação Física, Setor de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Maria Regina Ferreira da Costa.

**CURITIBA**

**2007**

“As diferenças não existem para serem respeitadas, ignoradas ou subsumidas, mas para servirem de isca aos sentimentos, de alimento para o pensamento”. (Bruno Latour)

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, pois sem Ele, nada seria possível e não estaríamos aqui reunidos, desfrutando, juntos, destes momentos que nos são tão importantes.

À minha mãe Benedita, que me deu a vida com amor, pelo esforço, dedicação e compreensão, em todos os momentos desta e de outras caminhadas; aos meus irmãos e amigos que me apoiaram.

## Agradecimentos

Às minhas amáveis amigas, Viviane Chagas Caron, Ana Paula Maebara e Valdirene Furtado, pelos momentos de aprendizagem constante e pela amizade solidificada, ao longo deste trabalho, que, certamente se eternizará.

As mais recentes amigas Ana Paula Schneider, Gabriela Ribeiro, Priscilla Serra e Leila Juliana.

A todos/as os/as professores/as do curso de Licenciatura, especialmente à Professora Maria Regina e ao Professor Rogério Goulart da Silva, pela contribuição, dentro de suas áreas, e para o desenvolvimento da minha monografia, e, principalmente pela dedicação e empenho que demonstraram no decorrer de suas atividades para com o grupo.

Agradecimentos especiais aos dois protagonistas do basquete adaptado que me possibilitou a construção deste lindo trabalho.

Aos demais integrantes da equipe de basquete adaptado, que me apoiaram em todos os momentos, fornecendo todas as informações necessárias ao desenvolvimento de minha pesquisa.

A todos aqueles que, direta ou indiretamente, colaboraram para que este trabalho consiga atingir aos objetivos propostos.

## SUMÁRIO

<b>RESUMO.....</b>	<b>VI</b>
<b>1.INTRODUÇÃO.....</b>	<b>07</b>
1.1JUSTIFICATIVA.....	07
1.2PROBLEMA.....	09
<b>2. REVISÃO DE LITERATURA.....</b>	<b>10</b>
2.1 EDUCAÇÃO EX/INCLUSIVA.....	10
2.2 IDENTIDADE, DIFERENÇA E ALTERIDADE.....	16
2.3 A ESCOLA INCLUSIVA DITA COMO UM DIREITO DE TODOS.....	18
2.4 O PAPEL DOS/AS PROFISSIONAIS E AS RESPECTIVAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO.....	20
2.5 O DEFICIENTE FÍSICO E A SOCIEDADE. (TRABALHO E DEFICIÊNCIA).....	24
<b>3. METODOLOGIA.....</b>	<b>27</b>
3.1 SUJEITOS DA HISTÓRIA.....	30
3.2 ESCOLHA DOS SUJEITOS.....	30
<b>4. HISTÓRIA DE VIDA AJAGUNÃ.....</b>	<b>31</b>
4.1 DESCOBERTA DA DEFICIENCIA: AMOR DE MÃE VERSUS SABERES CIENTIFICOS.....	31
4.1.2 OS DESDOBRAMENTOS FAMILIARES PARA AJUDAR AJAGUNÃ A CONVIVER COM A DEFICIÊNCIA.....	32
4.1.3 CONVIVÊNCIA NO AMBIENTE ESCOLAR: ENTRE BARREIRAS ARQUITETÔNICAS E MULETADAS.....	33
4.1.4 O PRECONCEITO ESTÁ NO OLHAR DAS PESSOAS.....	35
4.1.5 O TRABALHO E A DESCOBERTA DO BASQUETE ADAPTADO.....	35
4.1.6 O INÍCIO DO SEU PRIMEIRO RELACIONAMENTO E O CONVITE PARA AS FEDERAÇÕES DE BASQUETE ADAPTADO.....	37
4.1.7 DIFICULDADES ENCONTRADAS NA ATUALIDADE POR AJAGUNÃ.....	41
4.1.8 ESPORTE E LAZER COMO FORMA DE SUPERAR PRECONCEITOS EXERCIDOS PELA SOCIEDADE.....	42
<b>4.2 HISTÓRIA DE VIDA DO ABÁ.....</b>	<b>43</b>
4.2.1 A INFÂNCIA DE ABÁ.....	43
4.2.2 A PRIMEIRA ESCOLA.....	44
4.2.3 PERDA DOS PAIS.....	45
4.2.4 FÉRIAS DA ESCOLA...NATAL...TIRO POR...ENGANO.....	46
4.2.5 NOVO COMEÇO PARA ABÁ, ARMADILHAS DO DESTINO.....	47
4.2.6 DE VOLTA PARA CASA.....	48
4.2.7 TRABALHO, BARREIRAS ARQUITETÔNICAS E ATITUDINAIS.....	50
4.2.8 NOVA ADAPTAÇÃO NA ESCOLA.....	53
4.2.9 BASQUETE ADAPTADO- A GRANDE LUZ.....	54
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>56</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>60</b>

## RESUMO

Através da história de vida, vivida pelos protagonistas Ajagunã e Aba, pode-se ressaltar a forte questão do preconceito, discriminação, e o não reconhecimento pelo *outro*. O não reconhecimento do “*Outro*” como ser humano pleno, com os mesmos direitos e deveres de todos/as. Ambos trazem consigo uma história marcada pela relação de poder do mundo dos ouvintes que, por um lado, revela uma situação de dominação, silenciamento e opressão, mas que também expressa resistência, libertação e luta pelo direito de buscarem uma educação que respeite a pessoa deficiente como uma pessoa diferente. Ainda hoje, a Educação Especial é tratada como tópico sub-teorizado e como um espaço especializado de educação. É uma educação marcada pela inserção médico-pedagógica e determinada frequentemente por modelos clínico-terapêuticos, em que as práticas pedagógicas têm a tarefa da correção e da normalização. É uma prática de intervenção terapêutica orientada para o cuidado e o tratamento com a intenção de oferecer uma ortopedia dos corpos e das mentes. Skliar (1999, p. 17), acrescenta que isso é “conseqüência de uma tradição histórica de controle do [outro] sujeito deficiente por expertos e aficionados na medicina”. As instituições educacionais precisam acolher o/a aluno/a, do jeito que ele/ela é dar atenção, carinho, nutri-lo com material de qualidade, com liberação de conhecimento e depois esse/a aluno/a precisa ser confrontado/a, deve saber, com auxílio do/a professor/a, o caminho a seguir. Contudo, precisamos compreender que é de nossa responsabilidade a forma como vamos nos relacionar com as pessoas e o que poderemos fazer daqui para frente para começarmos a construir uma nova visão, um novo paradigma, uma atitude responsável.

Palavras-chave: Educação, Educação especial, preconceito, discriminação, e o não reconhecimento pelo *outro*.

# 1. INTRODUÇÃO

## 1.1 JUSTIFICATIVA

O interesse pelo assunto educação especial tem relação com minha experiência como estudante de Educação Física, ex-atleta de basquetebol convencional, também por ser profissional na área de saúde (enfermeira técnica), e atualmente como auxiliar técnica de basquete adaptado por mais de quatro anos. Trabalho esse desenvolvido mesmo que de forma inconsciente, na busca pelo direito de viver a diferença e na busca do reconhecimento numa sociedade diversa como a nossa.

Logo que comecei a trabalhar como auxiliar técnica do basquete adaptado, pensei que não iria conseguir. Na realidade senti medo. Me questionava, como eu poderia trabalhar com o basquete adaptado já que eu só havia vivenciado a prática do basquete convencional.

Mas apesar do medo e da insegurança eu tinha uma vontade muito maior, que era a busca pelo conhecimento e aprendizagem, que implicou um saber, doar-se e trabalhar para conquistar novos horizontes.

No início foi muito difícil, a cada dia surgiam novos interrogantes, procurava cada vez mais buscar informações que me levassem a me especializar nesta área do basquete adaptado. Tive o apoio de várias pessoas neste processo de aprendizagem, inclusive dos próprios atletas com necessidades especiais, que me ensinaram desde as técnicas e táticas do basquete adaptado como também me ensinaram a compreender os verdadeiros sentidos e significados de ser cadeirante, ou melhor, o que sente um cadeirante.

O ambiente no qual eu freqüento para auxiliar o treinamento do basquete adaptado são contemplados pressupostos construtivista-interacionistas construído

de modo a possibilitar a interação e cooperação, oferecendo condições para que tanto eu como os jogadores/as possamos aprender nosso conhecimento de forma dinâmica e interativa.

Com o passar do tempo, percebi que assim como os portadores de deficiências possuem necessidades especiais, as demais pessoas ditas normais também as possuem. Já que precisamos de atenção, afeto, carinho, amor, etc.

Sinto-me satisfeita e feliz por ter tido a oportunidade de realizar esse trabalho, pois ao mesmo tempo em que pude interagir com essas (PNE) aprendi muito com eles.

Para mim é uma satisfação poder compartilhar com os leitores e as leitoras o meu aprendizado com os cadeirantes, aprendi que nunca deverei educar somente para vencer na vida. Só assim, aprenderei o verdadeiro valor das coisas e não apenas o seu preço.

Por ter esse envolvimento com a PNE do basquete adaptado, as desigualdades de oportunidades me inquietam, pois acredito ser possível transformar essa realidade à medida que as pessoas se conscientizem e reconheçam as pessoas com deficiência como sujeitos.

Essa angústia e o desejo de sensibilizar a sociedade para mudanças levaram-me a realizar inúmeras experiências e tentativas de participação com os atletas portadores de deficiência física, em ambientes regulares propícios ao treinamento adequado e participações em competições.

No presente estudo analiso a história de vida de dois atletas que praticam o basquete adaptado buscando compreender o significado e o sentido de tal desporto em suas vidas.

## **1.2 PROBLEMA**

Como os dois praticantes do basquete adaptado compreendem o tal desporto adaptado em suas vidas?

## 2. REVISÃO DE LITERATURA

### 2.1 EDUCAÇÃO EX/INCLUSIVA

A proposta de uma Educação Inclusiva deve ser passada pelo crivo da discussão sobre a identidade, diferença, diversidade, alteridade. No geral, segundo Silva (2000), a posição socialmente aceita e pedagogicamente recomendada é de respeito e tolerância, que de acordo com Skliar (2003), é entendida como um sentimento de não reconhecimento do outro; de simplesmente suportá-lo, mas não aceitar e conviver com este de fato; não estabelecer uma relação pautada pela alteridade. Tomamos aquilo que somos como referência àquilo que não somos. A diferença pode ser considerada como um produto derivado da identidade, pois "as afirmações sobre diferença só fazem sentido se compreendidas em sua relação com as afirmações sobre a identidade" (SILVA, 2000, p. 75).

De acordo com Nuría Perez de Lara (2001), *nossa identidade se constitui a partir do outro, tomando por base sua própria identidade. Portanto, identidade e diferença são processos fabricados por nós mesmos nas relações sociais e culturais. A afirmação da identidade e a marcação da diferença implicam em operações de incluir e de excluir, demarcar quem está dentro e quem está fora.*

Quando o tema da deficiência é discutido, imediatamente é pensado, na imagem corporal, identidade da pessoa com deficiência, que pode ser considerada um símbolo desta condição.

Vamos perceber, que a imagem da pessoa com deficiência provoca muitas sensações e idéias em cada um de nós, inclusive de desconforto, de medo ou até de hostilidade, de forma mais ou menos consciente.

Conforme Núria Pérez de Lara (1998) as pessoas com necessidades especiais (PNE) é vista como o Outro, o que não é como todos nós, o que é diferente, porque não conhecemos suas motivações, não entendemos como é sua vida, como percebe o mundo sem ter a visão, ou a audição ou alguma outra limitação.

Ao nos referirmos as PNE e outros grupos estigmatizados, logo ressaltamos a questão da diferença e, conseqüentemente, nos posicionamos em relação ao outro baseando-nos em valores e expectativas de normativas determinadas pelo grupo social do qual fazemos parte.

Por que a sociedade se sente assim frente ao outro?

Talvez seja pelo fato de que, durante centenas de milhares de anos, o *Outro* era o desconhecido, era o inimigo que estava sempre à espreita, ocultava-se em toda parte. Podia ser um demônio como relata Núria Pérez de Lara. Era tudo quanto escapava ao círculo familiar, ao universo das coisas e dos signos assimilados.

Com o passar do tempo, os espaços foram ampliando-se, os contatos e intercâmbios multiplicaram-se e o homem passou a identificar seu semelhante por toda parte; os destinos coletivos e individuais passaram a se confundir em escala planetária. Hoje estes descendentes das primeiras comunidades humanas reúnem-se em assembléia nas Nações Unidas. A palavra solidariedade em todo o âmbito Nacional começa a ganhar um sentido. Todavia... ainda com muita freqüência, o *Outro* continua a ser, senão um desconhecido, pelo menos um estrangeiro, um inimigo em potencial, embora temido ou desprezado por motivos diferentes dos que prevaleciam há séculos ou milênios.

A deficiência ainda é vista como um tabu em toda a sociedade. São dúvidas e perguntas que na maioria das vezes, ninguém sabe como conversar sobre este tema.

As PNE, por sua vez, também sentem medo, insegurança ou vergonha de falar sobre este assunto. Diante do diferente, do desconhecido, é normal adotar

atitudes defensivas ou de ataque, que se expressam pelo preconceito, pela discriminação.

A partir do reconhecimento de que temos preconceitos, é mais fácil mudar nosso comportamento e perceber que existem muito mais coisas que nos unem do que nos separam.

As pessoas com deficiência são pessoas como nós: tem sonhos, medos, esperança, raiva... Basta nos aproximarmos, para comprovarmos isso.

Assim como os negros, os índios, os pobres, as mulheres e outros grupos estigmatizados, as PNE aprendem de maneira semelhante quem são, como devem se portar e o espaço que devem ocupar na sociedade de acordo com os padrões determinados pelo grupo social.

Desde os primórdios dos tempos antigos, as pessoas com necessidades especiais (PNE) já sofriam com as discriminações exercidas pela sociedade, chegando a serem abandonadas ou mortas, por serem consideradas um castigo de Deus.

Conforme o autor OTTO SILVA (1987) elas eram consideradas como estorvo não só para a sociedade, mas também para as suas famílias. "(...) Se buscarmos nos arquivos de nossa história poderemos surpreender-nos com normas ou decretos<sup>1</sup> que chegaram a abordar os problemas de pessoas com defeitos físicos" (SILVA, 1987 pág. 273).

Somente a partir das décadas de 60 e 70 conforme relato de Núria Pérez de Lara (1998 pág 153) um novo olhar foi lançado às PNE, surgindo a partir daí mudanças radicais referentes ao tratamento a estas pessoas.

Isto se deu devido à repercussão mundial das duas grandes guerras, que assolaram os primeiros cinquenta anos do século XX, produzindo grandes comoções na concepção de ser humano e um reconhecimento obrigatório da sua capacidade

---

<sup>1</sup> A Lei das XII tábuas da Roma Antiga havia autorização para o patriarca eliminar filhos defeituosos, "o mesmo ocorrendo em Esparta, onde recém nascidos, frágeis ou deficientes, eram lançados do alto de Taigeto (abismo de mais de 2400 metros de altitude, próximo de Esparta)

de destruição, ou seja, a capacidade negação do "outro", e de seu distanciamento da natureza na que vive e na qual vive.

Estas experiências aniquiladora das Guerras marcaram profundamente a concepção moral sobre as deficiências que desde a loucura até a mais anuladora deficiência física, aos olhos de todos/as podiam culpar os indivíduos como algo de que todos/as deviam se sentir responsáveis já que muitos dos que sofriam a deficiência não só tinham deixado de ser alheios ao dever de nossa sociedade, mas passando a ser vítima, quando não eram os Heróis que tinham comprometido suas vidas, na busca da salvação da nação.

Isso não significa que nos processos de demonização que todas as guerras produzem sobre os contrários, essa desculpalização e essa responsabilização social sobre as pessoas com deficiência foi à mesma para todos.

Por exemplo, a autora Núria Pérez de Lara (1998) assinala que no final dos anos sessenta, aconteceu à primeira experiência de integração de meninos e meninas com deficiências que tiveram o privilégio de viverem em grupo de "pedagogas" recém regressadas da Universidade de Barcelona, teve lugar no marco de uma instituição que era o resultado dessa demonização que ela se refere.

Uma instituição denominada *Associação de Inválidos Civis*, que tinha sido criada para as pessoas que não tinham o direito a ser considerada com a honra de inválidos de guerra, por haver pertencido ao bando demonizado. Meninos/as com as quais eles trabalhavam não tinham nada a ver com aquela dolorosa experiência, a instituição estava apenas ali, marcando as diferenças, recordando história. Entretanto, esta prática discriminatória continua sendo vivenciada ainda hoje por vários grupos de pessoas pertencentes à sociedade moderna.

De acordo com a autora, a mudança da responsabilidade social em relação à deficiência, não foi absoluta porque manteve em si mesmo a possibilidade de sentir que algo nos podia ser alheio, seguia tendo somente "outras deficiências", as "dos outros".

É certo que as formulações explícitas do discurso científico, das propostas políticas e sociais das considerações terapêuticas e pedagógicas mudaram e se centraram nos fatores externos, ambientais, azarosos e na responsabilização social ficando no adentro mais oculto do sentir coletivo aquelas velhas atribuições de culpa e castigo relativos às pessoas afetadas pela deficiência.

Desde a idéia de deficiência como característica inerente à natureza humana até o reconhecimento de que as pessoas que possuem deficiência são "úteis" socialmente e que devem ser integradas.

A mudança de orientação da disciplina de Educação Especial que supõe a integração não é algo que possa ser reduzido ao processo ético-social escindido da realidade complexa que é a que dá lugar aos novos pressupostos teóricos.

Dependendo dos conhecimentos científicos em todos os âmbitos e de novas perspectivas para pensar e implementar a integração.

Desse modo, a aceitação ou não do outro passa pela sua aceitação enquanto ser humano que apresenta êxitos e fracassos podendo vencer ou ser vencido nos seus empreendimentos ao longo da vida.

Neste sentido, o interesse e o valor que a família atribui às experiências (escolares ou não) das crianças, adolescentes e jovens, o encorajamento dado às mesmas, pode evitar que muitos talentosos ou PNE se percam, deixando de dar à sociedade a sua preciosa contribuição.

Quanto ao tema da inclusão conforme idéias expressadas em Cinthia Robert (1999) hoje observamos um Governo que insiste no modelo da inclusão pura e simples, da inclusão por decreto<sup>2</sup>. Como se oferecer o mesmo "espaço escolar", "a mesma escola" para todas as crianças fosse o mesmo que oferecer igualdade de condições de acesso aos saberes.

---

<sup>2</sup> Inclusão por decreto é uma regulamentação ao Programa de Inclusão, por lei. Direito à escolarização mais possível do normal.

Autores como *Nuria Pérez de Lara* (Espanha) e *Carlos Bernardo Skliar* (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), são estudiosos que nos estimulam e nos mostram que “é possível um outro modelo de educação e de escola”, onde todas as crianças, adolescentes e jovens possam conviver e estudar juntas, movidas pela solidariedade, cooperação e amizade.

A inclusão escolar tem sido compreendida pelos órgãos públicos como políticas de ensino direcionadas às pessoas com deficiência, como se estas pessoas fossem as únicas que se encontram marginalizadas e excluídas do sistema regular de ensino.

Esta compreensão conforme visto na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBN – tem encontrado respaldo legal na Lei n. 9.394/96 que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional; no Decreto n. 3.298/99 que regulamenta a Lei n. 7.853/89, que dispõe sobre a Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência e mais recentemente na Resolução CNE/CEB<sup>3</sup> n. 2, de 11 de setembro de 2001, que institui Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica.

No entanto conforme visto na SEESP/MEC<sup>4</sup>, parece-nos que todos esses aparatos legais chocam-se com a Constituição Federal de 1988, que garante a “todos” e, não apenas a alguns, o direito à educação e ao acesso à escola sem discriminações e adjetivações.

---

<sup>3</sup> CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. Câmara de Educação Básica. Resolução CNE/CEB 2/2001. Diário

Oficial da União, Brasília, 14 de setembro de 2001.

## 2.2 IDENTIDADE, DIFERENÇA E ALTERIDADE.

Somos nós que definimos o outro (...). E a alteridade do outro permanece como que reabsorvida em nossa identidade e reforça ainda mais (...). A partir desse ponto de vista, o louco confirma a nossa razão (...); a criança a nossa maturidade; o selvagem, a nossa civilização; o marginalizado, a nossa integração; o estrangeiro, o nosso país; e o deficiente a nossa normalidade. (PÉREZ DE LARA, 1998, p. 8)

Em primeira instância busco compreender a idéia principal dos possíveis significados aos termos identidade, diferença e alteridade.

A autora Núria Pérez de Lara 1998 menciona o poder implícito na dualidade que nomeia, ordena e marca o outro fortemente pela linguagem, ou seja, "o que nos faz iguais e o que nos faz diferentes".

De acordo com o entendimento da autora, *identidade* envolve o exame dos sistemas classificatórios que mostram como as relações sociais são organizadas e divididas. Logo, distinguimos um sentido ligado à marcação da diferença, em outras palavras, quem é "incluído" ou "excluído".

Conforme as colocações anteriores, podemos afirmar que identidade e diferença possuem uma relação imbricada: diferença determinando identidade ou identidade determinando diferença.

Esta definição apresenta uma visão determinista dos termos, sem se abrir para as singularidades que constituem o ser, uma vez que deveremos nos adequar a um dos aspectos duais, em outras palavras, ou se é "normal" ou "anormal".

---

<sup>4</sup> Secretaria de Educação Especial

A palavra alteridade pode ser entendida como a possibilidade de compreender o outro em sua essência, em sua complexidade nas relações que estabelecem com os múltiplos. Portanto, ao nosso ver, respeitar a alteridade significa respeitar as singularidades que constituem o sujeito como ser de direitos.

Refletindo sobre estas possibilidades conceituais, podemos nos perguntar:

Como é possível entrar em relação com o outro, respeitando as diferenças que o constituem? Como olhar para o outro me colocando em dúvida a ponto de lançar mão de mim?

Os debates referentes ao tema diversidade tem motivado um certo desequilíbrio na forma de como compreender as manifestações sociais que ocorrem nas várias instituições de ensino. Vários profissionais não conseguem ter consciência de que é inevitável compreender o diverso, exatamente porque não há fórmulas para tal.

Neste sentido o movimento de *inclusão* gera angústias e desconstruções contínuas que não sabemos ao certo como lidar. Ao meu ver, as possíveis armadilhas apontadas pelas análises de diferentes vertentes conceituais quanto ao significado das palavras diversidade e diferença, remetem ao momento de instabilidade provocado pela atualidade.

Temos percebido nas reflexões que para buscar a formação de um currículo maleável, não basta impor normas ou conceitos de forma hierarquizada. Esse movimento requer um olhar diferente sobre todo o processo. Para tal, torna-se necessário desconstruir relações anteriores a respeito da diferença e reconstruir os caminhos da inclusão.

Nesta perspectiva, elimina-se o viés da imposição e da tolerância. Imposição ao pensar no currículo como obrigatoriedade; aquele que é colocado pensando na diferença, sem ter a consciência do que a implica, sem de fato acreditar na possibilidade inclusiva.

Ao refletir no *outro*, através da diferença que o marca e não no que o constitui como ser de relações sociais, geramos lacunas de aprendizagem muitas vezes intransponíveis. Partindo dessa premissa, nos perguntamos: o que nós, do lugar de onde estamos, podemos fazer para ressignificar a constituição da identidade nas práticas curriculares?

Ao pensar na diversidade que constitui a sala de aula, começamos a ter consciência de que sempre falamos dos outros, mas não de nós.<sup>5</sup> Nessa perspectiva, reiteramos as colocações anteriores afirmando que o movimento de constituição de um currículo, que contemple os aspectos que vêm sendo discutidos, gera instabilidade.

Tudo isso porque começamos a perceber que, na busca pela nossa identidade, muitas vezes nos colocamos numa perspectiva simétrica em relação ao saber. Tomar consciência da complexidade desses atos é, ao nosso ver, ao mesmo tempo, assustador e revelador.

### **2.3 A ESCOLA INCLUSIVA DITA COMO UM DIREITO DE TODOS.**

Em uma sociedade democrática e pluralista, surge à escola como uma instituição que coloca em funcionamento esta convivência das diferentes culturas, seja sob os parâmetros da competitividade ou da solidariedade.

Há várias décadas observamos a exclusão, a marginalização, o preconceito em todos os sentidos na escola referentes as PNE, estas pessoas são estigmatizadas por não se enquadrarem aos padrões ditos dominantes.

A auto-estima das mesmas são rebaixadas, a autonomia é anulada e a cidadania comprometida. Há nesta constatação um desvio total de valores, despidos de princípios éticos e de justiça social.

---

<sup>5</sup> Questão proposta por Skliar (2002), ao falar da interioridade.

De acordo com Monique Franco citada em Cinthia Robert (1999, pág 94) o governo insiste no modelo da inclusão pura e simples, da inclusão por decreto, como se oferecer o mesmo "espaço escolar", a "mesma escola" para todas as crianças fosse o mesmo que oferecer igualdade de condições de acesso aos saberes.

Referente a escola inclusiva Carlos Skliar (2003) ressalta, em um dos seus artigos que apesar de existir utensílios legais que obrigam a inclusão dos portadores de deficiência no sistema educacional e no cotidiano do cidadão, podemos observar na prática que esta tão sonhada integração não está ocorrendo e um dos principais fatores impeditivos desta inclusão é a falta de preparo dos profissionais, tanto os da educação como aqueles das demais áreas.

Não basta simplesmente colocar um/a aluno/a portador/a de algum tipo de deficiência em uma classe normal e pronto: está feita a inclusão!

É preciso que a escola inclusiva passe por adaptações de grande porte (de responsabilidades exclusivas dos órgãos federais, estaduais e municipais) e de pequeno porte, cabendo aos professores/as se especializarem para saber como transmitir ensinamentos para esses alunos/as especiais.

Segundo Paulo Freire, a tarefa do educador é uma tarefa "gnosiológica", isto é, que envolve o processo do conhecimento. Para transmitir ensinamentos, o professor/a precisa ter clareza política, visão de mundo e método de trabalho. À medida que media o conhecimento, ele/ela "reconhece" o que educador-educando aprendeu conheceu durante o estudo do objeto, capacitando-se, assim, cada vez mais, como formador/a.

A integração escolar defendida pela SEESP/MEC (Secretaria de Educação Especial) prioriza os/as alunos/as com deficiência, porém para aqueles/as que são capazes de acompanhar a escola comum em seus modelos tradicionais.

Embora exista a lei que priorize a integração escolar do/a aluno/a na escola podemos ressaltar que o empenho é basicamente do/a aluno/a para ser integrado/a e aceito/a na escola. Tudo depende dele, tornando-o o único responsável por seu

destino educacional, pois a escola permanece intacta e firme em seus propósitos excludentes no seu interior.

Muitas das pessoas envolvidas na educação de alunos/as com deficiência acreditam que a escola inclusiva, garante a inclusão dos/as alunos/as com deficiência na educação regular.

Crêem também que o deslocamento de especialistas do ensino especial para as escolas regulares, garante a inclusão do/a aluno/a com deficiência nas salas de aula do ensino regular.

Não se discute, assim, a transformação da escola regular para acolher todo o alunado. Ocorre que a inclusão requer mudanças no ensino regular para incluir os/as alunos/as com e sem deficiências, que são excluídos da escola por não se adaptarem às suas exigências.

## **2.4 O PAPEL DOS/AS PROFISSIONAIS E AS RESPECTIVAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO**

Para incluir pessoas com necessidades especiais no ensino, devemos pensar em uma preparação continuada para os professores/as que irão estar envolvidos nesse processo, principalmente o/a educador/a que irá contactar diretamente com esses alunos/as.

Neste sentido, é pertinente investir no aperfeiçoamento destes professores/as, para que num processo dialógico eles/elas desenvolvam o processo de interação e de ensino-aprendizagem no interior das salas de aulas, uma vez eles/elas desempenham um papel decisivo nas trocas interativas que envolvem PNE.

Sabemos que é tarefa do/a professor/a desenvolver um trabalho que valorize todas as diferenças e que esteja pautada nos objetivos de uma educação que vise à valorização do exercício da cidadania, o desenvolvimento biopsicossocial do

indivíduo e a sua preparação para estar inserido nos mais variados contextos sociais.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB, nº 9394/1996) estabelece que os sistemas de ensino deverão assegurar, principalmente, professores especializados ou devidamente capacitados, que possam atuar com qualquer PNE na sala de aula.

As instituições educacionais precisam acolher o/a aluno/a, do jeito que ele/ela é, dar atenção, carinho, nutri-lo com material de qualidade, com liberação de conhecimento e depois esse/a aluno/a precisa ser confrontado/a, deve saber, com auxílio do/a professor/a, o caminho a seguir.

O professor Paulo Freire (1996) em seu livro *Pedagogia do Oprimido* ressalta a importância da participação do próprio aluno/a no processo de aprendizagem. Defende que aluno/a deve se submeter a experimentar, pesquisar em grupo, desenvolver seu raciocínio. O autor não aceita conhecimentos prontos e, além disso, defende que o aluno deve ser autônomo.

Baseando ainda na teoria do autor há uma pergunta que fica. No caso do deficiente, como poderemos trabalhar esta autonomia?

Ao considerá-lo/a como incapacitado/a a sociedade cria práticas assistencialistas, contexto este que favorece uma relação professor – aluno fundada na piedade e no sentimento de caridade, que nada mais faz do que posicionar este o professor/a no lugar do opressor/a e o aluno/a no lugar de oprimido “pobre coitado/a”, “inválido/a”.

Nesse modelo de educação, o/a educador/a, comprometido/a com a mudança, não pode apenas falar aos educandos/as sobre sua visão do mundo, ou tentar impô-la. É preciso dialogar para que ambos possam realizar uma leitura crítica sobre as causas da degradação humana.

O educador/a é que deve provocar a curiosidade ingênua do/a educando/a para, com ele/a, compartilhar a curiosidade epistemológica. E é a partir da relação

dialógica entre educadores/as e educandos/as que a prática educativa se afirma como reveladora de verdades escondidas e ou camufladas.

Desta maneira, Paulo Freire (2005) afirma que:

[...] o educador já não é mais aquele que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os "argumentos de autoridade" já não valem. E para ser autoridade, funcionalmente, é necessário estar a favor da liberdade e não contra a mesma. E ninguém educa ninguém e tão pouco educa a si próprio: os homens educam em comunhão mediatizados pelo mundo. Mediatizados pelos objetos cognoscíveis que, na prática bancária, são possuídos pelo educador que os descreve ou os deposita nos educandos passivos. (pág.78).

Assim, a "educação problematizadora" ou "educação para a liberdade" ocorre numa relação horizontal, onde educador/a e educando/a passam a ter constante diálogo, buscando transformar a realidade. O respeito ao conhecimento prévio que o/a educando/a possui é de fundamental importância, para que se possa propor, e nunca impor, o que, e como será desenvolvido o trabalho em sala de aula.

As mudanças para incluir o aluno/a com deficiência não representam elevado custo financeiro para a Instituição. Independente de custos, a lei deve ser cumprida, pois neste caso há uma possibilidade de que todos/as devam aprender uns com os outros.

No Brasil, grupos minoritários e estigmatizados sempre estiveram fora das possibilidades de ascensão social, sempre foram mantidos distantes do poder instituído. A violência dos opressores sempre fez dessas PNE desumanizadas, já que não instaura outra vocação, de fazer eles a ser mais, já que são tratados como se fossem objetos. E esta luta somente passa a ter sentido quando os oprimidos buscam recuperar sua humanidade.

A entrada de pessoas com deficiências, negros e índios nas instituições de ensino superior é um marco histórico, por isso indica uma mudança em curso. Demonstra que mais uma vez os grupos estigmatizados, que foram considerados

como inferiores, incapazes, dignos de comiseração pública e do Estado, estão cada vez mais se inserindo nos canais que permitem o acesso à cidadania.

Cabe salientar que o acesso das PNE em qualquer que seja a instituição deve ser pensada desde uma perspectiva do ser humano enquanto sujeito psíquico e nesse sentido, todas as PNE independentemente da origem de suas necessidades especiais tem o direito a participar de uma instituição de ensino.

“... educar indivíduos em salas de educação especial significa negar-lhes o acesso a formas ricas e estimulantes de socialização” (HELOISA BARBOSA apud CINTHIA ROBERT, 1999, p 93). Isso não quer dizer que não precisam de momentos separados para que possam aprender e/ou desenvolver suas dificuldades.

As pessoas deficientes trazem consigo uma história marcada pela relação de poder do mundo dos ouvintes que, por um lado, revela uma situação de dominação, silenciamento e opressão, mas que também expressa resistência, libertação e luta pelo direito de buscarem uma educação que respeite a pessoa deficiente como uma pessoa diferente.

Sabemos que as discriminações sofridas por essas pessoas ainda são grandes, inclusive nas instituições como escolas e universidades, onde em algumas universidades vestibulares não aceitam sequer inscrições de pessoas “deficientes”, ou aceitando, não propiciam as mínimas condições de acesso e permanência, como no nosso caso específico, pelo menos, a contratação de profissionais especializados em sala de aula.

A inclusão no ensino superior é uma possibilidade que se abre para o aperfeiçoamento da educação escolar e para o benefício de todos/as os/as alunos/as considerados com ou sem deficiência e de toda a sociedade.

Entretanto, é preciso que a instituição esteja aberta para enfrentar as inovações e essa condição precisa se estender a todos os sistemas educacionais. Queremos uma inclusão que venha respeitar a diversidade e compreender melhor a heterogeneidade, as diferenças individuais e coletivas, as especificidades do

humano e, sobretudo as diferentes situações vividas na realidade social e no cotidiano escolar de um Curso que seja de formação de educadores e educadoras.

É preciso quebrar barreiras, físicas, emocionais e atitudinais, nem sempre observadas na sociedade em que vivemos. Não basta vivermos em um mesmo espaço, é preciso olhar o outro, fazer junto com o outro, respeitando as diferenças e oferecendo condições para que todos possam participar integralmente da construção de uma sociedade mais justa e inclusiva na educação formal e informal comprometida com a formação do indivíduo para com o mundo.

## **2.5 O DEFICIENTE FÍSICO E A SOCIEDADE. (TRABALHO E DEFICIÊNCIA)**

O deficiente físico encontra obstáculos para sua inserção na sociedade desde a Infância. Durante muito tempo, os portadores de deficiência física, sensorial ou mental foram cuidados pela caridade e filantropia.

Muitas vezes por ignorância, preconceito e medo, as sociedades evitaram o contato e bloquearam o seu trabalho. Ainda hoje, devido à persistência de desinformação e inadequação das condições de arquitetura, transporte e comunicação, muitas pessoas talentosas e produtivas são afastadas do mercado de trabalho.

O problema do enfraquecimento de formação educacional – estrutural – acarreta outros – periféricos – que dificultam o acesso de pessoas com deficiências aos postos de trabalho. Questões como transportes, locais adaptados com rampas, uso do braille, dispositivos sonoros etc. são também limitadores da quantidade de pessoas com deficiências em empregos.

Conforme o Procurador Ricardo Tadeu Marques (2001 pág 260) o portador de deficiência, entre nós, é tratado de modo assistencialista, o que caracteriza um cunho excessivamente paternalista, ou seja, fica assistido por instituições não

governamentais ou então recebendo pensão assistencial da Previdência que acaba por lhe retirar, o direito de cidadania plena, como constituir família, exercitar suas vocações, inibindo seu desejo – e mesmo necessidade – de entrar no mercado de trabalho.

A principal alegação de empresas para não contratarem pessoas com deficiências é a falta de capacitação para o trabalho.

De acordo com a autora Maria Marta Séguin citada em Cinthia Robert (1999 pág. 106) as PNE enfrentam uma ostensiva discriminação na hora de procurar emprego, o que propiciou a garantia prevista no artigo 93, onde se reservam vagas, na iniciativa privada, para o beneficiário reabilitado ou PNE habilitada; ou seja, as empresas, independente da atividade econômica que exerçam, desde que tenham 100 ou mais empregados, estão obrigadas a preencher de 2% a 5% dos seus cargos com pessoas com deficiências.

Ainda conforme a autora a introdução de cotas, não possibilita mais a argumentação de que o emprego deixou de ser oferecido ao deficiente em função de seu rendimento. Há uma determinação legal bastante concisa, obrigando a reserva de percentual de vagas a PNE. Por outro lado, a necessidade desta mão de obra obrigará as PNE a sair de uma situação de obscuridade a que foram colocadas ao longo da história.

Não basta baixar decretos paternalistas, aprovar leis ambiciosas e aperfeiçoar o policiamento. O fundamental é criar mecanismos que sejam eficazes na redução e eliminação das barreiras.

O Brasil tem pela frente uma longa lista de providências a serem tomadas para poder oferecer aos portadores de deficiência vida digna que eles/elas tanto merecem. Perder o medo de combinar estratégias é um importante passo.

A autora Rosana Glat (2004 pag 01) ressalta em seus dizeres que a família, como grupo social primário, desempenha uma função formativa e determinante no desenvolvimento cognitivo-afetivo do indivíduo e no modo como este se situa e interage na sociedade, mesmo em idade adulta. É através da identificação com os

primeiros “outro significativo” --- mãe, pai e demais membros da família -- e das reações destes ao seu comportamento que a criança tem seu primeiro contato com o mundo e aprende a desenvolver os papéis e atitudes essenciais para seu processo de socialização.

Ainda conforme Rosana Glat (2004 pag 05) cada família enfrenta a deficiência de acordo com sua história, suas representações, crenças, valores culturais, condições objetivas e materiais, além da personalidade individual de cada membro.

As conformações que ocorrem na estrutura familiar sempre apresentam caráter específico conforme o caso; porém não resta dúvida que a influência familiar é determinante para facilitação ou impedimento do processo de integração social do indivíduo com deficiências.

E através do seu relacionamento familiar que a PNE desenvolve o seu raciocínio valorativos, percebendo o mundo e construindo a sua identidade. Em outras palavras, para que uma pessoa com necessidades especiais possa vir a desenvolver suas potencialidades dependerá, em grande parte, da disponibilidade de sua família em permitir-lhe que participe e usufrua dos recursos oferecidos pela comunidade, apesar de todas as barreiras arquitetônicas e atitudinais encontrada no dia-a-dia .

Quanto maior for à participação do indivíduo com necessidades especiais no contexto social, maior será a sua chance de assumir um novo papel na trama familiar. Não mais exclusivamente o papel do coitado, do dependente, do incapacitado, mas sim o papel de uma pessoa que atua no mundo, com suas possibilidades e limitações, como as demais, e que pode contribuir e enriquecer com sua experiência a vida cotidiana de sua família.

### 3. METODOLOGIA

Com a finalidade de relatar o significado e o sentido do basquete adaptado para dois cadeirantes realizei uma abordagem qualitativa de investigação. No caso em questão, a opção foi à proposta da História de vida, uma que possibilita ao pesquisador/a reconstruir eventos da vida e atribuir significado a eles por meio da elaboração de uma narrativa; onde há liberdade de refletir sobre sua própria história.

Desse modo, parti na premissa de que os conhecimentos sobre os indivíduos só são possíveis com a descrição da experiência humana, tal como ela é vivida e tal como ela é definida por seus próprios atores, (Ajagunã e Abá)

No que se refere ao estudo qualitativo Elliot W. Eisner (1998) diz que é uma tentativa de compreender o significado e o sentido para as pessoas. E para atingir este propósito, existem outros meios como ressalta o autor, que é “prestar atenção”, observar e utilizar o que vemos como fonte de interpretação e valorização.

Assim sendo, uma investigação que priorize a informação do entrevistado necessita de uma intimidade com o indivíduo ou com a instituição investigadora. “La enseñanza necesita ser “conocida” en el sentido bíblico del Antiguo Testamento: en directo, en contacto íntimo”. (EISNER, 1998, p 28).

Para Glat & Müller (1999) “uma das formas mais pertinentes de se conhecer uma realidade é escutar o que o sujeito ou o grupo de sujeitos que vivenciam a situação têm a dizer sobre ela” (p.20).

De acordo com esses autores, a *História de Vida* é definida como um método de caráter qualitativo no qual o/a pesquisador/a realiza uma entrevista aberta, onde o roteiro não é elaborado *a priori* pelo entrevistador/a e delineado pelo entrevistado, à medida que o mesmo fala “livremente sobre sua vida ou um determinado período ou aspecto dela” GLAT & MÜLLER (1999 pág.20).

Desta forma, o/a entrevistador/a pode entrar em contato com as *experiências de vida* do entrevistado, de acordo com o próprio olhar de quem fala e conhece “práticas sociais, valores e atitudes do grupo ao qual o indivíduo pertence” GLAT & MÜLLER (1999 p.21).

Neste sentido, a *História de Vida* é uma espécie de *garimpo* de olhares, sentimentos, pensamentos e práticas sociais, possibilitando ao pesquisador/a o encontro com a rica diversidade da natureza humana.

Conforme Juan Munhoz (2002) entende-se por história de vida o relato autobiográfico, obtido pelo investigador/a mediante entrevistas sucessivas, onde o objetivo é mostrar o depoimento subjetivo de uma pessoa na qual se recolhem tanto os acontecimentos como as valorizações de sua própria existência.

Segundo Maria Regina Costa (1999 pág 124) a importância dos estudos que usam a história de vida está relacionada com a descrição dos acontecimentos e experiências importantes da vida de uma pessoa ou alguma parte principal desta, nas próprias palavras do protagonista. Na construção de histórias de vida a análise consiste no processo de organização e reunião do relato, de tal modo que o resultado capte os sentimentos, modos de ver e as perspectivas da pessoa.

Assim, a história de vida trabalha com a estória ou o relato de vida, ou seja, a história contada por quem a vivenciou. No relato de vida o que interessa ao pesquisador/a é o ponto de vista do sujeito.

Os sujeitos desta pesquisa foram dois protagonistas do basquetebol adaptado, ambos foram identificados por nomes fictícios, onde representam símbolos de força e resistência.

A coleta dos dados foi realizada por meio de uma entrevista semi-estruturada e observações por um período de quatro anos, isto é, o tempo que me dedico a auxiliar técnica do basquete adaptado.

As *entrevistas* foram realizadas em setembro de 2007, em dias e horários previamente agendados com os entrevistados, de acordo com sua disponibilidade, em lugares onde só estavam presente o entrevistado e a entrevistadora.

Antes de iniciar a entrevista foi entregue a cada entrevistado um roteiro (em anexo) com pontos importantes a serem abordados durante a entrevista. Também foi comunicado que estava sendo realizado uma pesquisa e que gostaria que eles

falassem sobre suas experiências e seus anseios, suas vivências e suas considerações sobre o assunto em tela, ou o que julgassem mais importantes.

As entrevistas foram gravadas em fita cassete e transcrita na íntegra. Posteriormente, por meio da leitura exaustiva do material transcrito iniciei o processo de categorização e identificação dos significados inerentes ao objetivo do estudo.

#### Roteiro fornecido aos protagonistas antes da entrevista

- O que eles têm a falar sobre sua vida, suas experiências, seus anseios
- Motivos da escolha do esporte basquete adaptado
- Experiência profissional
- Formação
- Lembrança da escola que frequentaram
- Fatores que contribuíram positivamente para seu sucesso escolar
- Dificuldades encontradas na infância
- Relacionamento com os professores (técnicos) e colegas de atividades desportivas
- O que pensam da escola inclusiva
- Dificuldades enfrentadas
- Preconceitos sofridos
- Preocupações
- Momentos importantes
- Condições necessárias para que o aluno deficiente possa estudar no ensino regular
- Como avaliam a passagem pelas instituições especializadas
- Papel da família nesse processo
- Facilidades
- Atividades pessoais: lazer, família, social

A organização da história de vida resultou das falas dos autores alguns núcleos temáticos, que segundo Bardin (1997. pág 105) define como uma unidade de significação que se liberta naturalmente de um texto analisado segundo certos

critérios relativos a teoria que serve de guia e leitura, sendo geralmente utilizado como unidade de registro para estudar motivações de opiniões, atitudes, valores, crenças, etc.

Neste sentido, foi possível identificar em meio às falas dos atores, palavras que ressaltavam a questão do preconceito através do olhar diferente das pessoas, atitudes que levavam a indiferença, discriminação. Foi proposto aos sujeitos o sigilo quanto à identidade, para resguardar seus direitos e privacidade.

### **3.1 SUJEITOS DA HISTÓRIA**

Conforme descrevi anteriormente dei aos sujeitos entrevistados nomes fictício para preservar suas identidades. Os nomes escolhidos são de origem afro brasileira, onde cada qual representa um significado: AJAGUNÃ - Guerreiro forte e Aba - Esperança.

É importante enfatizar que os dois protagonistas são negros e guerreiros na sua vontade de viver.

### **3.2 ESCOLHA DOS SUJEITOS**

A escolha dos entrevistados se deu de forma proposital. Ambos apresentam deficiências físicas com seqüelas advindas das seguintes patologias: Ajagunã (44 anos) apresenta seqüela de Poliomielite e Abá (18 anos) perfurações na medula por balas de revólver o que lhe causou a deficiência.

## 4. HISTÓRIA DE VIDA AJAGUNÃ

### 4.1 DESCOBERTA DA DEFICIENCIA: AMOR DE MÃE VERSUS SABERES CIENTIFICOS

Ajagunã é um cidadão que nasceu no ano de 1963 no interior do estado Paraná, sendo o segundo de quatro irmãos. Nessa época, seus pais trabalhavam numa fazenda de café e a situação financeira era muito precária. Além de trabalhar com o café, seu pai também exercia a função de marceneiro, de onde procurava conseguir uma renda extra para o sustento de sua família.

O ano de 1963 foi um período marcante para Ajagunã, pois aconteceu um surto de poliomielite no Brasil. Ajagunã nessa época vivia no interior do estado na sua cidade natal, em Campo Mourão que é Município sede da Microrregião 12, a qual agrega 25 Municípios, totalizando hoje uma população de aproximadamente 356.191 habitantes.

Aos 8 meses de idade Ajagunã começou a ter febre muito alta, chegando a 40ª C. Sua mãe muita atenta nos cuidados de seu filho, começou a observar que além dos sintomas ele estava ficando com uma perna mais curta que a outra. Ao levá-lo ao hospital, ela recebeu um diagnóstico desolador dos médicos, pois Ajagunã havia contraído poliomielite que havia afetado sua perna direita.

Comunicaram à mãe que seu filho teria a infelicidade de que nunca mais iria andar normalmente. Porém, a mãe determinada e confiante e como toda mãe que ama seu filho queria contrariar os prognósticos. Semana após semana, a mãe saía da sua cidade levando-o à Curitiba. Sua preocupação era levá-lo à fisioterapia e aos médicos especializados, ela visava à busca da cura para seu filho. Em casa, a mãe, o pai, irmãos /as o ajudavam a exercitar as pernas e os pés, na esperança da recuperação.

Com 1 ano de idade Ajagunã e toda sua família tiveram que deixar Campo Mourão e mudar para a Cidade de Ponta Grossa -PR, pois infelizmente, uma seca havia atingido toda a lavoura destruindo toda a plantação de café. Em tal seca houve a perda total do plantio o que causou perdas até mesmo da casa onde moravam.

O ano de 1963, para os moradores de Campo Mourão foi denominado como ano do fogo. A seca e o calor foram intensos, já que o fogo chegou a se alastrar queimando tudo que encontrava pela frente, deixando alguns moradores sem terem para onde ir.

#### **4.1.2 OS DESDOBRAMENTOS FAMILIARES PARA AJUDAR AJAGUNÃ A CONVIVER COM A DEFICIÊNCIA**

Em Ponta Grossa a família de Ajagunã viveu durante 7 anos batalhando na continuidade de suas vidas. O pai continuou o ofício de marceneiro e a mãe esteve ocupada com os afazeres domésticos e também com o tratamento do seu filho.

Durante a infância, até os 3 anos de idade, Ajagunã só se arrastava pelo chão, não tinha domínio sobre suas pernas, o que ocasionava seguidas quedas. Assim, ele era transportado em um carrinho de madeira que foi construído pelo seu pai, que era denominado de *carrinho de rolimã*. Sua mãe sempre o colocava em cima do carrinho, pois ficava mais fácil para que ela pudesse exercer suas funções no lar e até mesmo dar atenção a ele.

Passado algum tempo o pai preocupado com o filho que estava crescendo, resolveu criar um novo artefato de madeira, para que ele não precisasse ficar se arrastando ou mesmo sendo empurrado no carrinho por outra pessoa. Com tanta habilidade para criar qualquer coisa que fosse de madeira, ele teve a idéia de construir um par de muletas, com a qual seu filho começou a utilizar com muita dificuldade aos três anos de idade. Foram muitas tentativas e erros para se equilibrar, Ajagunã caiu muitas vezes, com o seu par de muletinhas, pois além dele não ter o domínio, também não tinha força suficiente para se equilibrar. Imagine a dificuldade uma criança de 3 anos ter que se equilibrar em um par de muletas?

Os anos se passaram e Ajagunã foi crescendo. Ele foi se transformando em um ser cada vez mais estranho, e com o preconceito exercido pela sociedade ele foi ficando cada vez mais retraído. Chorou diversas vezes, pois pensava que somente

ele tinha este tipo de problema. Acreditava que era a única pessoa deficiente, pois até então, não conhecia ninguém que havia contraído a poliomielite. Ajagunã se escondia pelos cantos, parecia que faltava o sorriso nos seus lábios.

Em 1970, devido à necessidade de tratamento cirúrgico e fisioterápico, a família mudou-se para Curitiba PR, em busca de melhores condições de vida para Ajagunã.

O convívio com seus pais, irmãos e demais parentes, sempre foi como a convivência de qualquer família, eram pessoas harmoniosas e companheiras. Por ser o único da família com deficiência, não gozava de nenhum privilégio, tinha também as suas obrigações a cumprir, tais como ir à escola, fazer as tarefas, manter os seus objetos em ordem. Morava em uma casa simples, com obrigações e direitos como os demais, isto é, a vida era normal, sem problemas.

#### **4.1.3 CONVIVÊNCIA NO AMBIENTE ESCOLAR: ENTRE BARREIRAS ARQUITETÔNICAS E MULETADAS**

Quando começou a estudar na escola Vila Nossa Senhora da Luz, em Curitiba PR, onde fez o ensino fundamental, observou que não havia no país qualquer movimento em prol da inclusão de pessoas com deficiência nas escolas. Os prédios escolares não possuíam rampas, como é a maioria das escolas até hoje.

Apesar da falta de adaptação estrutural das escolas em que estudou, não teve grandes problemas quanto ao acesso às salas de aula, pois para subir as escadas, contava com o companheirismo dos colegas de turma que além de o ajudarem, passaram a ser seus amigos.

Ajagunã obteve experiências interessantes enquanto aluno. Jogava bola, pois sempre teve uma boa mobilidade com uma das pernas, ou seja, a que não era afetada pela paralisia. Não encontrou problemas em fazer amigos nesta época, fazia malabarismo, plantava “bananeira”, descia as escadas com as mãos. Enfim, a sua

participação nas brincadeiras era tão espontânea que a deficiência física ficava em segundo plano.

Nas aulas de Educação Física Ajagunã utilizava as muletas como se as mesmas fizessem parte do seu corpo, se ninguém saísse da frente *“... dá-lhe muletada (...) na época eu tinha que jogar como se fosse uma pessoa normal, ou seja, a canelada que eu dava no pessoal era muletada. Para tirar a bola eu jogava a muleta na canela das pessoas e eles também faziam a mesma coisa, só que eles não utilizavam muletas eram pessoas normais”*. Nos anos 1970 a 1975 o futebol era mais fácil, as pessoas jogavam mais na bola, não é igual hoje cheio de malícias e violência. Hoje as pessoas são treinadas para quebrar a perna um do outro, o futebol é muito violento (...) *A uns 30 anos atrás, estávamos na febre do Brasil Tricampeão mundial, era tudo mais tranqüilo, pois as pessoas jogavam na bola”*.

Os professores jamais o tratavam com qualquer espécie de proteção. Na prática, vivia em uma comunidade altruísta<sup>6</sup>, como é toda comunidade do interior do Brasil, nas pequenas cidades. Alguns professores tomavam a iniciativa de promover campanhas em prol dos colegas carentes e, nessas campanhas ele sempre estava presente, participando de modo a angariar roupas, fazendo a sua parte.

la à escola acompanhado de seus amigos fazendo algazarra pelas ruas da cidade. Estava integrado ao grupo. Ia ao campo de futebol, nos torneios de futebol da escola, desempenhava várias funções, uma delas era nas formações das equipes.

---

<sup>6</sup> Altruísta: disposição para se interessar e dedicar ao próximo; amor ao próximo;

#### **4.1.4 O PRECONCEITO ESTÁ NO OLHAR DAS PESSOAS.**

Quando criança, infelizmente Ajagunã deparou-se várias vezes com situação de preconceito, que naquela época era mais forte. Bastava olhar nos olhos das pessoas para perceber a maneira como as pessoas o olhavam. Todo este preconceito existia porque ele utilizava um par de muletas, só porque sua perna era mais curta do que a outra.

Com 10 anos Ajagunã começou a jogar futsal, onde representou a cidade de Maringá. Jogou até os 17 anos, da mesma forma como jogava na escola, sempre no meio de pessoas ditas normais. Apesar das pessoas continuarem olhando para ele de maneira diferente, lá estava ele com as suas muletas e se alguém dito *normal* bobeasse dá-lhe muleta para retirar a bola.

Sempre se relacionou muito bem com os seus colegas e professores/as. Não era tratado pelo professor com super-proteção e não necessitava de ajuda nas notas. Era um aluno que gostava de estudar. Além de Ajagunã ter uma boa participação na aula de Educação Física também apresentava facilidade para aprender outras disciplinas como a Matemática, Português, Física, etc.

#### **4.1.5 O TRABALHO E A DESCOBERTA DO BASQUETE ADAPTADO.**

Ajagunã sempre buscou seus sonhos, com o intuito de vencer na vida, adquirir novos conhecimentos, qualificar-se e trabalhar, como todo jovem sonha, planeja e merece.

Sem dúvida, conseguiu parte desse ideal. Ajagunã obteve seu primeiro emprego com aproximadamente aos 17 anos, andava nas ruas de Curitiba com suas muletas de madeira e um isopor pendurado ao pescoço, onde vendia sorvete de vários sabores para poder ajudar no sustento de sua família.

Neste período ele saía mesmo com dificuldade de andar com as suas muletas e o sol forte. Quando ia às ruas para as vendas dos sorvetes percebia os olhares das pessoas que, muitas vezes, deixava de comprar um do sorvete devido a sua deficiência. E alguns até comprava por dó, para poder ajudá-lo. Isto o deixava muito chateado, muitas vezes chorava sozinho sem deixar que as outras pessoas o vissem sofrendo.

Logo ao completar 17 anos, seu tio vendo seu esforço, convidou-o para trabalhar em sua fábrica de móveis, onde passou a ser responsável por apertar os parafusos.

Em 1989 quando ainda trabalhava com seu tio na fábrica de móveis teve a oportunidade de conhecer a ADFP (Associação dos Deficientes Físicos do Paraná) que hoje é o CEDE (Clube Esportivo para Deficientes Físicos). Nesta instituição descobriu os diferentes tipos de modalidades desportivas voltadas para a pessoa que tinha algum tipo de deficiência.

A partir de então, Ajagunã começou a perceber que existiam pessoas com diferentes tipos de problemas, deficiências com o quadro pior do que apresentava, eram pessoas que se rastejavam, pois não tinham seus membros inferiores, outras que andavam na cadeira de rodas, pois eram paraplégicos, tetraplégicos e até mesmo pessoas com muletas, que apresentavam o mesmo problema que ele ou não.(...) *Foi aí que eu fui perceber que minha deficiência era mínima, que eu não precisava ficar chorando pelos cantos, pois existiam mais pessoas com problemas, piores do que o meu caso.*

Em umas das visitas feitas ao ADFP, Ajagunã recebeu o convite de um amigo que trabalhava na época na Secretária da Cultura de Esporte para jogar o basquete adaptado (...) *ele me convidou para fazer parte da sua equipe de basquete adaptado, me dizendo que eu tinha uma estatura muito boa. No primeiro momento eu me exaltei dizendo a ele: cadeira de rodas! Eu não vou sentar nisto daí, eu nunca sentei em cadeira de rodas, porque agora vou me sentar? Mas a insistência foi tanta por parte dele, que ele pediu que eu fosse lá só para experimentar. Marquei um dia*

*e fui, em data e horário marcado, sem compromisso algum, só mesmo para conhecer.*

Ajagunã, ao conhecer e praticar o basquete adaptado se apaixonou e a partir daquele momento passou a conciliar horário de trabalho, treinos e jogos. Quando ele não estava na fábrica de móveis, ele estava nos treinos do basquete adaptado. Ajagunã ficou na fábrica de móveis até ver o comunicado de vagas que estavam sendo ofertadas para trabalhar na APR<sup>7</sup>. Ele se candidatou para a vaga oferecida para o cargo de atendente, passou em todas as etapas e conseguiu entrar com o auxílio do número de cotas. (...) *Na época em que eu nasci, há 30 anos atrás, era muito mais difícil para arrumar emprego, não existiam os movimentos que existem hoje. Não existiam movimentos para empregos, as pessoas não importavam com a quantidade de 5 % que hoje é imposta pela lei. Hoje 5% tem que ser destinado pelas empresas aos deficientes, desde que a empresa tenha mais de 100 funcionários, pelo que vejo não é bem empregado, pois existem muitas empresas que tem esse número, mas não oferecem as PNE, preferem muitas vezes pagarem multas altas ao oferecerem as vagas.*

#### **4.1.6 O INÍCIO DO SEU PRIMEIRO RELACIONAMENTO E O CONVITE PARA AS FEDERAÇÕES DE BASQUETE ADAPTADO.**

Com 21 anos Ajagunã conheceu a pessoa que lhe despertou um forte sentimento. Muitas vezes ele parou e pensou se o que estava acontecendo era verdade, pois ele não acreditava que uma pessoa dita normal tivesse o interesse de ter um relacionamento com uma pessoa deficiente. Ajagunã nunca acreditou que um dia iria se casar, pois além do medo de ninguém querer se relacionar com ele, também tinha o medo de que no futuro se ele viesse se relacionar com alguém pudesse ter um filho com a mesma patologia ou até mesmo pior.

---

<sup>7</sup> APR: Associação Paranaense de Reabilitação

O seu relacionamento foi se fortalecendo. Passado um ano de namoro resolveram se casar. (...) *desde o início minha Posa como eu a chamo me deu força, sempre me apoiou em tudo que eu faço. Sempre me acompanhou nos jogos, treinos, ela sempre esteve do meu lado. Apesar de chegar em casa chateado com algum problema, tipo preconceito, ela me alavancava, tirava um sorriso do meu rosto e fazia com que eu esquecesse daqueles maus momentos. Eu era uma pessoa muito triste até conhecê-la.*

No período em que se casaram Ajagunã ainda trabalhava prestando serviço para a Instituição APR e também levando sua vida de atleta. Com dois anos de casado, a sua esposa engravidou. Ajagunã pediu para que sua esposa fosse com ele ao médico para ver as possibilidades de seu filho/a nascer com alguma patologia.

Os médicos acalmaram o casal dizendo a eles que a possibilidade era muito pouca que eles nem deveriam se preocupar (...) *Meu medo quando nós nos casamos era de que eu e minha Posa viéssemos a ter um filho/a com deficiência. Eu não queria que ele/ela passasse pelos mesmos preconceitos que eu havia passado. É muito forte, o preconceito das pessoas... Hoje até que não é muito, mas antigamente, nossa como eu sofria.*

Ajagunã passou quase que a gestação inteira paparicando a barriga de sua esposa. Até saber que do resultado dos exames que era uma menina. Foi uma grande satisfação para ambos quando receberam a notícia.

Com grande destaque na equipe de basquete adaptado de Curitiba, Ajagunã foi convidado para participar dos campeonatos onde era patrocinado pela Unicamp para representar a cidade de Campinas-SP. Afinal, era um dinheiro a mais que entrava para ajudar no sustento da família. Estes campeonatos geralmente eram marcados nos finais de semana e se por algum motivo fosse antecipado, Ajagunã era dispensado pela empresa APR para representar a equipe em que jogava.

Faltando uma semana para que sua filha nascesse, ele recebeu um convite para jogar em um Campeonato muito importante. Deixou sua esposa aos cuidados

de sua família, pois como ela estava na última semana de gravidez não poderia viajar. Ajagunã nem bem chegou a jogar o primeiro jogo do campeonato em São Paulo, recebeu a notícia de que sua filha havia nascido (...) *nossa se arrependimento matasse acho que eu estaria morto, queria muito estar ao lado da minha Posa quando ela foi dar a luz...*

Retornou a Curitiba explodindo de tanta felicidade, não via a hora de chegar e poder ver com seus próprios olhos sua amada filha. (...) *Nossa! depois que minha filha nasceu foi muita felicidade. A partir daí, não só levava a Posa para ver os meus treinos, mas também a minha filha.*

Ajagunã passou dias em apuros, tendo que trabalhar, treinar, jogar e dar atenção à família (...) *minha família sempre me deu apoio em tudo, depois que minha filha nasceu foi minha vez de contribuir com alguma coisa.*

Quando terminava os jogos, Ajagunã voltava aos seus afazeres na empresa em Curitiba, sua rotina de treinos semanais e aos jogos finais de semana patrocinada pela Unicamp, eram constantes.

Quando sua filha estava com um ano de idade recebeu a notícia que iria ser pai novamente, foi felicidade em dobro. Passado alguns meses foi identificado pelo ultra-som que era um menino (...) *Fiquei felicíssimo, se tivesse vindo uma mulher também ficaria, mas assim foi bom que ficamos com um casal.*

Foram muitos os momentos felizes que ele passou e passa com sua família, procura sempre estar presente, é um ambiente que lhe faz bem.

Esta vida de atleta e trabalhador perdurou por vários anos até o momento que o patrocínio da Unicamp acabou. Quando finalizou o patrocínio Ajagunã ficou magoado, pois não tinha mais a chance de encontrar os colegas cadeirantes. Retornou para Curitiba muito chateado, dando andamento ao que ele já fazia, que era o trabalho, treinos e atenção à família.

Com treze anos de trabalho na APR e com dois filhos para dar assistência Ajagunã resolveu procurar outro emprego que lhe pagasse mais. Afinal, não teria mais o patrocínio do jogo.

Decidiu trabalhar na empresa de ônibus Redentor como cobrador, onde também conseguiu entrar com o auxílio do número de cotas. Nesta empresa, ele trabalhou por anos até ser afastado. Devido a um acidente que levou Ajagunã a ter fraturado sua perna direita, a perna que apresenta o encurtamento devido a Poliomielite.

O acidente ocorreu quando Ajagunã estava indo para o serviço, ele desequilibrou e caiu, o que o fez depender por um bom tempo da cadeira de rodas. Até o presente momento, hoje com 44 anos, ainda não retornou ao trabalho. Ele quer retornar, mas a empresa alega que é melhor ele ficar em casa.

Atualmente ele treina o basquete de cadeira de rodas três vezes na semana e participa de campeonatos que ocorrem esporadicamente durante o ano. Entre eles o campeonato brasileiro de Basquete, da região sul e jogos da liga. (...) *Me sinto muito bem perante os meus amigos e técnicos. É um ambiente que me faz muito bem. Depois que eu descobri definitivamente o basquete senti uma melhora muito grande no meu dia a dia tanto emocional, pessoal e social. O basquete em cadeira de rodas para mim tem não só importância em nível esportivo como também em nível de vida, pois descobri que sem ele não conseguiria mais viver alegremente. É um ambiente que me faz tão bem, que você veja nos temos treinos normalmente, segunda, terça e sábado, se eu pudesse, eu estaria toda hora dentro do ginásio. Eu até moraria, pois para mim o esporte faz muito bem. Eu descarrego todas as energias negativas dentro da quadra.*

Atualmente o time no qual Ajagunã participa não possui patrocínio nenhum, levando muitos jogadores a desistir por dificuldades financeiras.(...) *É difícil para todos, pois você veja bem, muito dos que aqui vem, tem família para sustentar. Já lutamos para ver se arrumamos algum patrocínio, mas na verdade é que quando eles vêem que é um time de deficientes pedem para esperarmos. A mídia poderia*

*pelo menos nos ajudar, mas quem disse, nem divulgar os nossos jogos eles divulgam, é muito difícil.*

#### **4.1.7 DIFICULDADES ENCONTRADAS NA ATUALIDADE POR AJAGUNÃ**

Mesmo com o passar dos anos, Ajagunã ainda vê que o preconceito continua. As pessoas ainda olham com o olhar da diferença, aquele ato de altruísmo foi deixado de lado. Hoje às pessoas vivem em um mundo individualista, as pessoas estão preocupadas com seus afazeres pessoais, na conquista pelo dinheiro, não se preocupam com o outro (...) *Não existe o amor que existia a 30 a 40 anos atrás, as pessoas tinham mais amor um pelo outro, hoje não existe. Hoje você cai, tem que se levantar sozinho, pois dependendo das pessoas vão te ignorar achando que vão contrair a doença. (...) Eles acham que vão portar também a Poliomielite só porque ajudou.*

Além do preconceito existente, também há o desrespeito ao espaço reservado para os deficientes, sejam eles nos assentos dos transportes coletivos (ônibus), estacionamento, filas de bancos, etc. (...) *Na maioria das vezes, as vagas reservadas para deficientes estão sendo ocupadas por outros, os ditos normais, o que é um contra senso, em dias ensolarados ou em dias chuvosos.*

Esse tipo de atitude dificulta a vida do deficiente, pois atualmente se faz necessário colocar cones nas vagas de estacionamento reservadas aos deficientes. Caso contrário, estas vagas são ocupados pelos ditos normais, já que muitas vezes, para usufruir a vaga que lhe é reservada, as PNE precisam sair do veículo, retirar a cadeira de rodas, retirar o obstáculo e em seguida, voltar ao veículo para então, conseguir estacioná-lo, ou então solicitar o auxílio de terceiros. Isso é uma agressão à autonomia do deficiente.

Essa dificuldade normalmente ocorre nos transportes coletivos, estacionamentos nos supermercados, nos órgãos públicos e ambientes freqüentados pelo público em geral.

Várias vezes, ao entrar no ônibus lotado, Ajagunã se deparou com pessoas ditas normais ocupando lugares destinados às pessoas deficientes e nesse caso, as pessoas simplesmente, disfarçam e fingem que estão dormindo. (...) *as vagas destinadas para o deficiente, são ocupadas por outras pessoas normais. (...) uma das piores formas de preconceito pode ser observada no transporte coletivo, onde não existe a adaptação. "Ainda faltam muitas ações para que possamos exercer nossa cidadania plenamente"*

#### **4.1.8 ESPORTE E LAZER COMO FORMA DE SUPERAR PRECONCEITOS EXERCIDOS PELA SOCIEDADE**

Faz 26 anos que Ajagunã tem no esporte, mais especificamente o basquete, a forma de superar a discriminação e o preconceito. *"Sofremos muito com a discriminação e o descaso, mas temos o nosso apoio na família".*

Ele vê no acesso ao esporte uma maneira de mostrar a força de vontade e a determinação de vencer barreiras e preconceitos. Atualmente, existem 15 pessoas que fazem parte da equipe de basquete em cadeira de rodas.

O meio esportivo é para Ajagunã um instrumento de aproximação entre os cidadãos deficientes (...) *o esporte difunde culturas e promove a paz através dos eventos esportivos como os Jogos Paraolímpicos. "O basquete facilitou minha adaptação a essa nova vida, me deu garra para superar as limitações, me auxiliou muito no desenvolvimento de espaço, direcionamento, no desenvolvimento e aperfeiçoamento dos sentidos, que me ajudam no dia-a-dia".*

Ajagunã acredita que a luta dos movimentos dos deficientes não deve parar, pois é através destes, que as PNE conquistaram seus espaços É importantíssimo,

que se cultive a consciência de si mesmo, dos rumos a serem tomados na sociedade em que vivem, seus valores, seus objetivos enquanto cidadão.

Independente da segregação econômica-socio-cultural do país em que vivemos, mesmo com algum tipo de limitação física, cada um deve buscar seus ideais, traçar objetivos e ir à luta, procurar estudar, qualificar-se, cultivar a auto-estima e de forma ilimitada, viver...e viver da melhor maneira possível.

É importante que o deficiente saiba de seu próprio valor enquanto cidadão possa usufruir seus direitos e cumprir com deveres, suas responsabilidades, ter seu convívio familiar, seus valores religiosos e suas conquistas profissionais.

Ajagunã conquistou inúmeros amigos, pratica o basquete de cadeira de rodas, vai à praia, viaja, vive dignamente, como merece e deve viver qualquer cidadão, em qualquer parte do mundo.

## **4.2 HISTÓRIA DE VIDA DO ABÁ**

### **4.2.1 A INFÂNCIA DE ABÁ**

Nascido em uma família de classe baixa, no dia 21 de maio de 1989 na cidade de Curitiba PR. Abá é o mais velho de quatro irmãos. Desde criança sempre foi um menino muito ativo, conseguia aprender com muita facilidade qualquer que fosse a brincadeira.

Era hábil, aprendeu a jogar futebol de salão, de campo, futebol de botão, praticava quase todos os esportes. Só tinha um que não chamava sua atenção, o basquete. Era realmente um craque, nas atividades esportivas e nas brincadeiras lúdicas: era no fura-fura, bandeirinha, queimada, briga de galo, cana-de-braço, pega-pega, era sempre o melhor. Era motivo de orgulho para toda a molecada da rua e da escola.

Nos meses ensolarados adorava soltar pipa. Aprendeu a escolher as melhores pipas e linhas. Já sabia, quando e a que hora o vento virava de terra geral. Aprendeu a fazer o melhor cerol do bairro. Suas rabiolas eram as versáteis, os rapidísimos papagaios, pesados cangulões, as tão feias e desajeitadas curicas. De papel de seda, papel de embrulho, folhas de caderno, de jornal. E até mesmo de plástico. Pipas estas que enchiam o céu das tardes de férias de cores, para alegria dos olhos da criançada.

Não importava se o vento estivesse bom ou ruim, todas as tentativas tinham o mesmo resultado: enroscava-se na linha, embolava o tubo, suava, exasperava-se<sup>8</sup>. A pipa estava sempre no ar.

Quando Abá não estava soltando pipas estava jogando bola com os primos e amigos, sempre estava envolvido em alguma brincadeira.

#### **4.2.2 A PRIMEIRA ESCOLA**

No ano de 1996, com sete anos de idade, Abá ingressou na primeira escola de ensino fundamental, na escola Natália Regina, em Curitiba –PR, no bairro Cajuru.

Logo nos primeiros meses de aula foi expulso várias vezes por não se comportar direito, era desinteressado e também muito ativo. Foram anos difíceis para os/as professores/as, pois Abá não era um aluno muito dedicado aos trabalhos da escola e preferia gastar o seu tempo livre, brincando. Seus pais eram chamados à escola com o intuito de que chamassem a atenção de Abá. Quando Abá retornava no dia seguinte se comportava, mas passado algumas horas, já estava ele aprontado de novo.

Mesmo com hiperatividade e indisciplina, foi nesta escola que conseguiu fazer praticamente a sua alfabetização. Abá Não via a escola como uma obrigação. E sim um espaço que pudesse brincar, para suas transgressões.

---

<sup>8</sup> Dic Michaelis .1. Ato ou efeito de exasperar. 2. desespero. 3. irritação

### **4.2.3 PERDA DOS PAIS**

Em 1999 ficou órfão de pai (vítima de tuberculose) quando tinha apenas nove anos de idade, e de sua mãe no ano de 2000 (acidente de trânsito em Jandaia do Sul) quando tinha dez anos.

Com isto a família que era composta por quatro filhos/as foi separada ficando os dois menores com irmã de sua mãe (a tia) que tinha uma situação financeira melhor. E ele e a irmã de oito anos com a avó, que era mãe da sua mãe.

Com a morte dos pais, Abá ficou sob a responsabilidade da avó que no lugar dos pais o criava com muito amor e carinho. A avó acompanhava o comportamento dele na escola e em todo o lugar que ele freqüentava, dava toda a assistência que ele e sua irmã precisava.

Mesmo com a assistência da avó, Abá no terceiro ano continuou arrumando confusões na escola, cada dia ele aprontava uma. Ele dava a impressão a todos/as os professores/as que nunca iria estudar, mas mesmo assim os professores/as e a avó continuavam insistindo, mostrando e cativando o interesse de Abá. Queriam mostrar a ele que a vida não era somente brincadeiras e que ele precisava tomar o gosto pelos estudos.

O que chamou a atenção dos professores/as e o da avó foi que a morte dos pais dele não o deixou triste. Abá considerou como um fato comum perder os pais. Aparentemente tratou do assunto com muita facilidade, ele dizia: fazer o que? Eles morreram e aí, não posso ficar remoendo isto!

Um ano após a morte de seus pais, Abá estava se envolvendo com sua nova família. Orientado pelos tios e tias, Abá na quarta série começou a ver a escola com outros olhos, melhorando seu comportamento, mas não deixando de ser ativo e tendo a participação em tudo que podia. Nas aulas de Educação Física Abá era o que mais participava.

Final de novembro chegou, e Abá trouxe à seus familiares à notícia que tinha passado para a quinta série.

#### **4.2.4 FÉRIAS DA ESCOLA...NATAL...TIRO POR ENGANO**

Dezembro chegou e Abá só pensava em brincar. Como todo garoto da periferia, começou a sonhar em ser um grande craque de futebol. Quando a sua avó e seus tios/as os procuravam, ele estava no campo, sempre com a bola de futebol nos pés. Ele começou a se apaixonar mesmo pelo futebol.

No dia 24 de dezembro 2001, sete meses após completar 12 anos, Abá estava reunido com toda a sua família na casa de sua avó. Lá havia muitos adultos, crianças e jovens, que haviam combinado de passar o Natal juntos. Estavam todos se preparando para a noite de Natal.

Este foi um dia de festividade, dia de festividade e alegria. Sua avó estava preparando a ceia de natal, juntamente com sua tia. Sua casa impecavelmente arrumada, Abá lembra que havia um cheiro gostoso vindo da cozinha.

Abá acordou cedo e se arrumou. Decidiu ir à rua brincar com os primos/as e logo ao entardecer jogar o tão esperado futebolzinho do dia com seus companheiros. Logo após ter passado o dia na rua, Abá retornou faminto, pedindo a avó que lhe arrumasse um bom lanche de fim de tarde. Ela o aconselhou que jantasse, pois já se aproximava das 18:00hs e a ceia iria demorar a ficar pronta. Ele estava muito ansioso e resolveu não comer nada e esperar pela ceia que aparentemente estava muito gostosa.

Até aquela tarde, ele tinha sido um rapaz saudável. Sua vida girava em torno de diversão, festas, jogos, brincadeiras e futebol. Para Abá a vida não tinha nenhum significado sem prazer e diversão, de modo que nem se preocupava com o futuro. Mas, o futuro no qual ele nem pensava estava para começar tragicamente para ele naquele dia.

Por volta das 20:00 hs do dia 24 de dezembro Abá e seus primos/as e familiares estavam reunidos em frente da sua residência, as crianças estavam brincando, correndo para lá para cá, brincadeiras de todos os tipos. Enquanto brincavam não notaram a presença de um carro escuro que se aproximava. Eles não tiveram tempo para pensar em nada, quando todos viram, os bandidos saíram atirando em todos que estavam por ali. Atingiram várias pessoas, até mesmo uma mãe que estava em sua residência amamentando seu filho.

Como cidadão todos têm o direito a um lugar adequado para viver. Isto significa que todas as crianças e adultos têm o direito a uma moradia segura e confortável, localizada em um ambiente saudável que promova o bem-estar dos moradores.

Este conflito ocorrido no Bairro do Cajuru Curitiba-PR representa negação completa dessa idéia.

O confronto destes bandidos contra estes moradores resultou na morte de uma pessoa e ferimentos em outras oito. Nove pessoas foram feridas com tiros, sendo duas primas de Abá.

#### **4.2.5 NOVO COMEÇO PARA ABÁ, ARMADILHAS DO DESTINO.**

Todos foram levados imediatamente para o Hospital Cajuru. Aquele dia marcou o princípio de um futuro que seria para Abá extremamente desagradável. Abá levou dez tiros, sete tiros se dispersam pelo corpo e três o acertaram de raspão.

A única coisa que Abá se recorda é o de ter escutado o barulho de vários tiros. Sentiu uma espécie de choque percorrendo seu corpo; lembra de que estava sentindo dores terríveis, sua avó e sua tia tentaram ajudá-lo, levando-o com a ajuda de um vizinho para o hospital mais próximo.

Dois dias se passaram e Abá se encontrava desacordado, até que ao abrir os olhos, ele recebeu a notícia de sua tia que estava muito triste, e lhe disse que ele não poderia mais andar. A tia falou a Abá que um dos tiros havia atravessado o seu peito e que se alojou na coluna vertebral, mais especificamente na 6ª vértebra torácica (T6). Deixando-o paraplégico.

Os médicos disseram aos familiares e responsáveis que a bala não poderia ser retirada, pois ao invés de ficar paraplégico poderia se tornar um tetraplégico, devido ao risco na retirada da bala.

A partir daquele dia seu corpo ficaria paralisado. Não poderia mais se mover do peito para baixo e assim ficaria dependente de uma cadeira de rodas. Abá recebeu a notícia de modo frio, dizendo a sua tia: tudo bem! (...) *não posso fazer nada, não posso abaixar a cabeça. (...) para mim foi normal eu receber esta notícia, pois com 09 anos já tinha perdido meu pai, aí com 10 minha mãe morreu. Foi mais difícil para minha tia me falar do que eu receber a notícia.*

Até hoje não se sabe ao certo o que aconteceu e porque aqueles bandidos chegaram atirando daquela forma naquelas pessoas. Alguns relataram que as crianças foram confundidas com bandidos que faziam parte de uma gangue, que morava no bairro vizinho.

#### **4.2.6 DE VOLTA PARA CASA**

Após passar 21 dias no hospital Abá retornou para sua casa. Ele ficou emocionado com o reencontro com sua irmã e o restante da família e pessoas amigas. Foi um dos momentos mais importantes de sua vida. Sua avó não estava estruturalmente preparada para recebê-lo devido às precárias condições financeiras. Além disso, a casa tinha as portas estreitas, havia um degrau e um quintal enorme, porém tomado de plantas.

Abá recebia visitas diariamente, tanto de parentes, vizinhos/as, como de amigos/as. Inúmeras vezes teve que narrar a história e na sua mente rememorava as coisas que não conseguiria mais fazer. Teve que suportar os olhares curiosos dos estranhos e as expressões de pena dos que o conheciam antes do acidente como algo aterrador.

As pessoas às vezes o tratavam como doente o que lhe era desconfortável. A sua expectativa, a partir daquela fase, era a de recomeçar tudo outra vez, de dar a volta por cima, mesmo tendo que usar a cadeira de rodas (...) *eu não tenho aquela coisa de ficar deprimido, eu sou muito fácil de superar as coisas. Para mim aconteceu aqui, daqui a dez minutos já está tudo normal. Já faço de conta que não aconteceu nada. Para mim é muito fácil. Para você ver, eu perdi meu pai, depois minha mãe e logo depois fiquei em uma cadeira de rodas. Todos pensaram que eu iria morrer por isso.*

A frase que ele mais ouvia era: – “Você vai ficar bom; basta ter fé”. Apesar de ser dita com carinho e bem intencionada, lhe fazia questionar o que seria, na verdade, ficar bom. Será que para ser bem aceito entre as pessoas era necessário estar fisicamente perfeito?

Ou significava que a sociedade não estava preparada para conviver de forma integrada com alguém que se locomove em cadeira de rodas?

Por um bom tempo Abá precisou colocar em prática as coisas aprendidas durante seu tratamento de reabilitação. Foram muitas, as dificuldades enfrentadas. Ele sempre recebia ajuda e o incentivo de seus primos/as. Diversas vezes seus primos/as ajudaram a empurrar a cadeira e até mesmo a se vestir.

Com o passar do tempo, Abá foi percebendo a dimensão do seu estado físico e diante dessa realidade, continuou sua luta e, preparou para usar a cadeira de rodas. Suas pernas aos poucos foram perdendo força devido à falta de movimentos.

Refletia sempre sobre o contraste que estava vivenciando. Enquanto se conscientizava a realidade a enfrentar, lembrava que antes do acidente, tinha

preocupação com tantas bobagens como jogar bola, participar de brincadeiras, algo que hoje está impossibilitado de fazer como fazia antes.

Até os doze anos de idade, Abá tinha sido ativo com saúde e energia. A partir do acidente passou a viver em cima de uma cadeira de rodas. Com muitas luta e dificuldade para se adaptar à cadeira de rodas.

Abá começou a desconfiar que a sociedade não era tão aberta para conviver com um cadeirante.

Entendeu na condição em que teve de enfrentar que estar bom significava, necessariamente, estar andando.

Em lugar de festas, brincadeiras e diversões, passava a conviver com a incerteza e medo.

Logo seu corpo começaria a sentir os efeitos da imobilidade e as feridas, as escaras, passaram a fazer parte das dificuldades que diariamente o atormentaria.

Para alguém tão independente como Abá, no início era humilhante precisar depender dos outros para as coisas mais simples, por exemplo: como a higiene pessoal ou pegar algo a poucos metros de distância, e entre tantas tarefas diárias. Coisas que antes eram tão fáceis agora se tornaram impossíveis a ele. Teria que se acostumar a esperar, a aguardar que os outros tivessem tempo para ajudá-lo.

#### **4.2.7 TRABALHO, BARREIRAS ARQUITETÔNICAS E ATITUDINAIS.**

Desde a saída do hospital, Abá tem dividido horas de seções de fisioterapia e atividades de reabilitação e condicionamento para uma nova adaptação à sociedade.

Dentre as atividades de adaptação como seu novo emprego na empresa Copel de Curitiba, onde trabalha há cinco meses como operador de telemarketing. Emprego que o faz sentir útil novamente.

Contudo, existem aquelas pessoas com que Abá se depara com olhares que o classifica como diferente fazendo com que ele se sinta exótico.

Olhares que, às vezes, o leva-o a sentir incapaz. Mas, mesmo assim ele não desanima, não desiste. Para Abá é uma luta difícil, pois apesar de parecer que não liga, no fundo ele sente que é um olhar excludente. Por outro lado, também existem as pessoas que são mais próximas que o incentivam, apóiam e o ajudam no que for preciso.

Não são somente as barreiras arquitetônicas que criam dificuldades para a locomoção em Curitiba; o uso indevido das calçadas e elevadores que são destinados aos deficientes no acesso ao ônibus mostra o que ainda precisa ser repensado na cidade.

Vive com a ajuda de uma cadeira de rodas há cinco anos desde o acidente. Abá quase não precisa sair de casa para observar algumas barreiras que um cadeirante enfrenta para locomover-se em Curitiba.

No quarteirão da casa onde mora, no bairro Cajuru, cada calçada tem um nível diferente. Em alguns pontos, o calçamento forma degraus de até 30 centímetros de altura, há rachaduras, raízes das árvores saindo do solo, lixeiras em locais inadequados. Além de tudo isso, a calçada está tomada, por montes de areia, britas e lajotas.

Andar de cadeira de rodas nas calçadas é quase impossível. As dificuldades de um cadeirante para locomover-se em Curitiba são praticamente as mesmas que atingem as pessoas com deficiências visuais, pessoas que andam de muletas, idosos, gestantes, obesos e portadores de outras necessidades especiais.

Abá contou que várias vezes foi derrubado nos elevadores dos ônibus. Alguns dos motoristas nem chegam a descer do ônibus para lhe oferecer ajuda. E quando o derrubam, perguntam: “precisa de ajuda para se levantar?” Abá diz: Isto é pergunta que se faça a um deficiente paraplégico! É claro que é preciso, um paraplégico não tem força nos membros inferiores para se levantar! Outros só ficam olhando pelo retrovisor do ônibus (...) *A maior dificuldade é para eu subir em um ônibus, o*

*cobrador e o motorista, eles nem ligam, eles ficam somente olhando pelo espelho. Acho que ficam se perguntando, será que ele já subiu? Será que ele ainda está lá?*

Falta compreensão dos motoristas e cobradores com as pessoas com deficiência, são barreiras atitudinais que várias vezes tem que enfrentá-las, é uma situação constrangedora para a pessoa com deficiência.

*Isto sem falar na frequência dos ônibus que não têm elevadores (...) a escassez hoje é muito grande, apenas 1% dos ônibus possuem elevadores e, às vezes, os cadeirantes em sua maioria querem entrar nos ônibus mesmo sem elevadores e os próprios motoristas não querem levar (...). Hoje o tempo de espera dos cadeirantes é de uma hora e meia à uma hora e quarenta e cinco por um ônibus com elevador.*

Em horários de picos quando volta para casa, os lugares que são destinados aos deficientes físicos sempre são ocupados por outras pessoas que são ditas normais. Abá, às vezes, para não se aborrecer, acaba tendo que esperar outro ônibus que venha mais vazio, pois tem gente que ocupa o lugar o deficiente e as pessoas que são deficientes quando pedem licença para ocupar o lugar as pessoas fingem que não ouvem (...) *quantas vezes aconteceu de eu ter que ir segurando no ferro, pois existia alguém no lugar e não saía. Quantas vezes? Quantas vezes do motorista fechar a porta e eu nem ter entrado, a porta bater na cadeira, fechando a cadeira, até me derrubar.*

As barreiras estão pela cidade, mas em menor proporção na área central, onde a prefeitura exige mais dos proprietários de imóveis e a fiscalização é mais intensa.

#### 4.2.8 NOVA ADAPTAÇÃO NA ESCOLA

Mesmo Abá reconhecendo que houve evolução do respeito dos direitos e deveres do portador de deficiência, verifica que os preconceitos e a intolerância estão presentes nas sociedade.

Atualmente Abá estuda na escola Maria Aguiar em Curitiba-PR no bairro do Cajuru, onde está tentando concluir o ensino médio. Abá precisa constantemente da ajuda dos amigos para chegar à sala de aula ou mesmo ao pátio da escola.

"Dificuldade existe, mas todo mundo ajuda", explica. Na escola em que ele estuda não há nenhuma rampa. (...) *as pessoas têm que olharem mais para os deficientes*. Abá também encontra dificuldade para chegar à escola, mesmo morando algumas quadras do colégio. Ele precisa sair de casa 35 minutos antes do início das aulas, para pegar ônibus. Isto quando passa um ônibus que esteja com o elevador funcionando para levá-lo, caso contrário ele tem que ficar esperando outro, ou ir rodando a cadeira.

A conjugação dos conceitos atuais de Educação Inclusiva nos leva a rever com premência a escola de hoje, não apenas como instituição de ensino, mas como espaço arquitetônico.

As escolas passaram então, a receber um contingente de alunos/as que apresentam diferentes formas para caminhar, escrever, brincar. E se espera das instituições, que seus professores/as, seu espaço, seu mobiliário, estejam adequados à recebê-los. (...) *Acho que a escola deveria se adaptar a certas coisas, por exemplo "ao deficiente", não somente as pessoas se adaptarem a ela. Cada vez esta surgindo mais e mais deficiente e todos têm que estudar realmente para aprender. Ninguém pode ficar analfabeto pelo resto da vida.*

Ao receber os/as alunos/as com barreiras arquitetônicas, que impedem alguns ao simples acesso à sala de aula, ao computador ou a ida ao banheiro com autonomia, está instaurado um poderoso fator de exclusão social e não haverá *inclusão* de fato.

É preciso que a infra-estrutura da escola seja coerente com os princípios de inclusão e espelhe o respeito a estes alunos/as, através do cuidado com instalações aptas a recebê-los sem restrições. Num ambiente atento às suas diferenças que devem ser reconhecidas.

#### **4.2.9 BASQUETE ADAPTADO- A GRANDE LUZ**

A família de Abá e seus amigos sempre o incentivaram a buscar alguma forma de ocupação. Eles diziam que era importante fazer uma atividade qualquer.

Por vezes Abá, comentava com seu primo sobre essa perspectiva, porém não acreditava em sua capacidade, seu primo, sempre insistia no assunto. O primo lembrava dos benefícios que uma ocupação poderia lhe trazer. Entretanto, Abá tinha consciência de que precisava de algum estímulo inicial.

Quando se mudou para Umuarama, em Cruzeiro do Oeste com a família de sua tia, começou a jogar xadrez, participava em vários campeonatos. Foi em um destes campeonatos de xadrez que Abá conheceu o técnico do time de basquete Adaptado, que o convidou para ir assistir um dos campeonatos de Basquete Adaptado que estava acontecendo em Umuarama. Sentiu-se constrangido em dizer que não iria, pois o basquete não lhe chamava atenção, pelo contrário, desde a infância era um dos esportes que não tinha nenhum interesse em aprender.

No início quando começou a fazer fisioterapia na ADFP (Associação dos deficientes físicos do Paraná) recebeu vários convites do presidente do clube do basquete adaptado de Curitiba –PR, porém dizia que iria, mas nunca aparecia.

Abá não teve o mesmo comportamento, ele se arrumou e foi ao encontro do técnico em dia e horário combinado, no lugar onde estava acontecendo o jogo do basquete adaptado. Chegando lá se surpreendeu vendo tantas pessoas deficientes, muitos deles com o mesmo problema que ele apresentava. Simplesmente se sentiu

em casa, ele adorou o que viu. Foi muito bem recebido por todos que estavam ali presentes.

A partir daquele dia, eles foram mostrando como é que era o jogo, como funcionavam as regras e o posicionamento dentro da quadra. (...) *sentei na cadeira de basquete e andei bastante. Daí disse: este é o esporte que eu quero, este eu não largo nunca mais! .Daí para frente, eu comecei a treinar, mesmo com dificuldade de ônibus de não ser adaptado e o estabelecimento ficando longe.*

Algum tempo depois Abá teve que se mudar para Curitiba, pois precisava de assistência e tratamentos que em Umuarama não havia. Logo que chegou ingressou no time da ADFP que hoje treina na PUC (Pontifícia Universidade Católica do Paraná), onde treina três vezes por semana no período noturno. Isso não impede de também executar outras tarefas como o trabalho. Abá se relaciona muito bem com a equipe, procura ouvir e aprender com o técnico e amigos.

As pessoas do basquete se preocuparam com ele e acreditam na sua capacidade. Elas, com suas palavras de incentivo, fizeram nascer em Abá à esperança e a possibilidade de melhores dias. Hoje Abá com 18 anos acredita que pode chegar a um sonho em uma seleção Brasileira de Basquete Adaptado. Ele está treinando para isto, acredita que pode brilhar com uma estrela.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os protagonistas desta história de vida, Ajagunã e Aba, proporcionaram-me, não só uma viagem pelas dificuldades, angustias e dúvidas, mas também apontaram-me caminhos, para que eu venha compartilhar novas realizações.

Em suas falas, percebi a forte questão do preconceito, da discriminação e o não reconhecimento pelo outro. O não reconhecimento do “Outro” como ser humano pleno, com os mesmos direitos e deveres de todos/as.

O reconhecimento do outro, eles encontraram no meio esportivo, que no caso específico destes dois protagonistas é o *basquete adaptado*. Neste meio eles encontram confiança, se sentem totalmente capazes, pois, estão pessoas que se apresentam na mesma situação que eles. Neste meio se mostram capazes de fazer o que pessoas que se dizem normais fazem, mesmo com suas limitações.

No aspecto social e psicológico, o esporte proporciona a oportunidade de os/as deficientes interagirem entre si, tornando os atletas mais independentes na realização de atividades diárias, melhorando a autoconfiança e auto-estima, desenvolvendo o otimismo e fazendo com que eles se sintam seguros para alcançar seus objetivos.

É preciso permitir o direito assegurado as PNE, de exercer sua cidadania, na vida em sociedade. Para que isto venha acontecer, faz-se necessário, antes de tudo, que a sociedade tenha profissionais competentes e comprometidos para atender as necessidades, desejos e dúvidas, destas pessoas e de suas famílias, para que possam lidar com as suas possibilidades e suas limitações; mostrar à sociedade que é possível conhecê-los e reconhecê-los e investir no seu potencial em benefício do grupo social.

Conforme a autora Núria Perez (1998 pág. 153) as leis e os decretos não representam outra coisa que uma diferente forma de questionar a população do

nosso atual sistema educativo, aquela parte da população em idade escolar que apresentam necessidades educativas especiais.

É evidente que a integração dos/as alunos/as não depende da aplicação de normas. De acordo com a autora, podemos pensar que a aplicação de um regulamento se desprende tão só a consideração de umas determinadas pessoas como objeto de dita normativa, como objeto, por tanto, da instituição. No entanto, todas as pessoas padecem dessa posição de objeto que requer ser superada pela relação intersubjetiva, viva, dentro de cada instituição.

Os profissionais devem considerar os/as alunos/as como sujeitos que são, devem deixá-los falar e ouvir suas demandas. Até o atual momento a localização do objeto excêntrico ao sistema escolar que padecia a população infantil considerada "anormal", é situada numa situação não só de objeto, senão como ressalta a autora Núria Perez (1998) como objetos invisíveis. Isto nega a possibilidade de conhecê-los, reduzindo este olhar a um espaço, excêntrico, marginal, segregado, único das Escolas Especiais. Um olhar convertido em anormal.

*Ajaguna* e *Abá* em suas falas nos mostram que até os dias atuais o preconceito segue vivo em grande parte da população, inclusive por professores/as, alunos/as, parceiros/as de trabalhos, etc. Ambos ressaltam em seus dizeres, que muitas vezes os alunos/as ao serem colocados nas instituições, são tratados como objetos, onde é imposta somente sua presença, onde eles são simplesmente localizados.

Núria Perez (1998, pág. 155) diz que não basta simplesmente a presença do aluno/a com deficiência. Devemos buscar romper com a exclusão escolar, com a inserção do aluno/a com necessidades educativas especiais nas classes comuns do ensino regular, democratizando os espaços escolares, enriquecendo seu processo educativo individual e também no coletivo. Pois, se não, este aluno/a estará apenas repetindo o que os professores/as trazem para a sala de aula, o que Paulo Freire, chama de Educação Bancária.

Os profissionais devem ouvir e ver as demandas dos aluno/as, preparar atividades onde ele/as possam aprender uns com os outros, independente se o aluno apresente alguma deficiência ou não.

É importante que os/as profissionais da Educação e da Educação Especial avaliem o que realmente representa incluir a PNE numa classe regular, no trabalho ou na sociedade. O que isto traz de negativo e de positivo, tanto para ele/a, quanto para os que a cercam. Quais as limitações daquele que inclui, e daquele que é incluído. E o que deve ser modificado para que a inclusão realmente ocorra, dentro daquilo que é desejado e possível.

É necessário que sejam organizados espaços para que um novo olhar seja valorizado dentro das instituições de trabalho e de ensino, para que estas pessoas possam falar não só pelas disciplinas, mas que possam falar com os seus sentimentos, percebendo-se como sujeitos fundamentais para o funcionamento de toda a organização que move o destino da humanidade.

Todas estas reflexões fazem parte de um processo difícil, que exige o reconhecimento de si e do outro e a quebra de paradigmas que consideram PNE como sujeitos diferentes e estigmatizados. E que por sua dificuldade às vezes de aprender, devido suas deficiências precisam de auxílio; do investimento na capacitação de professores/as para atuar junto a estes sujeitos.

Desta forma, os/as professores/as democráticos/as devem assumir o papel de, não podendo negar o dever de na prática docente, reforçar a capacidade crítica do/a educando/a, sua curiosidade e sua insubmissão. Professores/as democráticos/as têm como uma de suas tarefas primordiais trabalhar com os/as educandos/as, a rigorosidade metódica com que devem se “aproximar” dos objetos cognoscíveis – não tendo nada a ver com o discurso bancário meramente transferidor do perfil do objeto ou do conteúdo – onde ensinar é alongar o ensino do objeto e do conteúdo dentro de uma produção que gera condições de possibilitar um aprender crítico.

Esta é uma discussão que não se conclui já que o homem em todas as suas dimensões, cognitivas, afetivas e criativas (Mettrau, 2000) faz parte de um processo dinâmico chamado vida.

## REFERÊNCIAS

A Declaração de Salamanca sobre princípios. Política e Prática em Educação Especial. 1994. Acessado em 12.08.2007 site, disponível em <http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001393/139394por.pdf>

BARDIN, L. Análise de conteúdos. Lisboa: Edições 70, 1997.

COSTA, Maria Regina Ferreira da. O lugar da diferença na formação em Educação Física: um estudo de casos institucional o Departamento de Educação Física da UFPR, 1999, Universidade de Barcelona.

EISNER, Elliot .W. El ojo ilustrado, Buenos Aires: Paidós, 1998

FERRÉ, Nuria Pérez de Lara. Identidade, diferença e diversidade: manter viva a pergunta. In: LARROSA, Jorge; SKLIAR, Carlos. Habitantes de Babel. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p.195-214.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2005.

Fonseca, Ricardo Tadeu Marques da; Mesa redonda Trabalho de gestão de projetos inclusivos, disponível em <http://www.proex.pucminas.br/sociedadeinclusiva/sem2/trabalhoegestao.pdf> site acessado em 27.10.2007.

\_\_\_\_\_, Entrevista pela Rádio Solidária número programa 578, cedida em 26 de julho de 2007.

GUIRADO, Marlene. Diferença e alteridade: dos equívocos inevitáveis. In: AQUINO, Júlio.

GLAT, Rosana & MÜLLER, Tânia M. P. Uma professora muito especial. Questões Atuais em Educação, Volume IV, RJ Sete Letras, 1999.

GLAT, R. Uma família presente e participativa: o papel da família no desenvolvimento e inclusão social da pessoa com necessidades especiais. Anais do 9º Congresso Estadual das APAEs de Minas Gerais, disponível em CD Rom, Belo Horizonte/MG, 2004. site [www.eduinclusivapesq-uerj.pro.br/livros\\_artigos/pdf/familia.pdf](http://www.eduinclusivapesq-uerj.pro.br/livros_artigos/pdf/familia.pdf) -acessado em 24 de outubro de 2007

LARROSA, Jorge & LARA, Nuria Pérez de. Imagens do Outro. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. p. 180-92.

LARA, Nuria Pérez; La Capacidad de ser sujeto. edición: alertes S.A. de Ediciones, 1998.

\_\_\_\_\_, em identidade, diferença e diversidade, 2001, p.196.

MONTEIRO Solange Castellano Fernandes, Aprendendo a ver: as escolas da/na escola. In: ALVES, Nilda (org.), Espaços e imagens da Escola. Rio de Janeiro: DP&A, 2001;

ROBERT, Cinthia. O Direito do deficiente. Local editora Lumem Júris, 1999.

SILVA, Otto Marques da. A epopéia ignorada: a pessoa deficiente na história do mundo de ontem e de hoje. São Paulo: CEDAS, 1987.

SILVA, Tomaz Tadeu. *Identidade e diferença*: impertinências. In: Educação e sociedade. Dossiê diferença. 79 anos XXIII. Agosto-2002.

\_\_\_\_\_, A produção social da identidade e da diferença. In: \_\_\_\_\_ (org.). *Identidade e diferença*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 73-102.

SEESP Secretaria de Educação Especial. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seesp/index.php?option=content&task=view&id=159&Itemid=311>, acessado em 13/06/2007

Skliar, Carlos A inclusão que é "nossa" e a diferença que é "do outro" disponível em [http://www.inedd.uni-siegen.de/abteilung1/aktuell/dokumente/vortrag\\_carlos\\_skliar\\_portugiesisch.doc](http://www.inedd.uni-siegen.de/abteilung1/aktuell/dokumente/vortrag_carlos_skliar_portugiesisch.doc), acessado em 10.06.2007

UMA nova concepção de proteção às pessoas portadoras de deficiência. Coordenado por Maria do Carmo B. de Carvalho. São Paulo: PUCSP-IEE; Brasília: Secretaria de Assistência Social/MPAS, 1997. 56 p. (Série Programas de Assistência Social) acessado em 29 de setembro de 2007.

UNESCO/ MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA DA ESPANHA/ CORDE: Declaração de Salamanca e Linha de Ação sobre Necessidades Educativas Especiais Brasília: 1994 <tp://portal.mec.gov.br/seesp/index.php?option=content&task=view&id=130>, acessado em 25/06/2007

**ANEXO**

## TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS AJAGUNÃ

Sueli: Quería que você falasse sobre sua vida, suas experiências e seus anseios.

Ajagunã: Minha vida é um pouco complicada, porque já estou com uma certa idade, (44 anos). São 44 anos, e na época em que eu nasci existia muito preconceito, e infelizmente isto existe até hoje na sociedade. As pessoas dizem que não existe o preconceito, mas, na verdade olhando nos olhos das pessoas percebemos que ainda existe. Como que existe este preconceito? Da maneira diferente com as pessoas me olham quando eu ando, mas eu dou graças a Deus, pois posso me considerar uma pessoa feliz. Porque? Onde eu passo todo mundo vê que eu tenho um tipo de deficiência. Como eles vêem? Eles vêem porque eu utilizo uma muleta, um par de bengalas, e tem muitas pessoas em que o problema esta dentro da cabeça dela, ou seja, a gente olha para a pessoa e acha que não tem problema, mas ela tem! Todos nós temos problema, só que o meu problema graças a Deus é visível.

Sueli: Quando você descobriu esta certa deficiência? E qual é o nome da mesma.

Ajagunã: Eu descobri porque na época me deu febre muito alta (40º C), minha mãe foi observando que minha perna, uma crescia e a outra não. Foi ai que eu fui descobrir que eu tive a Paralisia Infantil, ou seja, a Poliomielite. Pra mim foi difícil, pois aos 3 anos de idade eu já estava andando de muleta, e para eu andar foi uma dificuldade muito grande para equilibrar na muleta, inclusive eu lembro até hoje, foi meu pai quem fez uma muletinha de madeira, e eu escorregava muito com a muleta, não conseguia me equilibrar porque na verdade só existia uma perna boa e a outra estava com problema pois não conseguia afirmar ela no chão.

Sueli: Em relação aos preconceitos você via desde a infância

Ajagunã: Na época quando eu fui me conhecer um pouco mais como gente, quando eu tinha uns 10 anos, eu andava chorando pelos cantos, pois eu achava que eu era a única pessoa deficiente, porque até então eu não conhecia ninguém com o problema. A partir de 1981 conheci a Associação, no caso ADFP na época, que é hoje o CEDE, que eu jogo basquete hoje

Sueli: Neste período é que você descobriu o basquete?

Ajagunã: Sim, foi ali que eu fui descobrir o basquete de cadeira de rodas e todas as outras demais modalidades esportiva adaptadas. Foi ali que eu comecei a ver que existiam pessoas mais deficientes do que eu, ou seja, eu olhando para trás, eu via aquelas pessoas entrando em cadeiras de rodas, de muletas ou até mesmo rastejando. Foi neste momento que eu fui perceber que minha deficiência era mínima, que eu não precisava ficar chorando pelos cantos, pois existiam mais pessoas com problemas, problemas estes bem piores do que o meu.

Sueli: Você começou a jogar basquete em 1981?

Ajagunã: 1981, exatamente. Inclusive eu também jogava futebol, com 10 anos eu jogava o futebol de muletas, eu já entrava no meio ditas normais. Foi quando eu conheci a Associação e aproximadamente aos 17 anos foi onde eu comecei a jogar o Basquete de cadeira de rodas, e graças a Deus foi assim bem sucedido, pois hoje eu me sinto uma pessoa totalmente adaptada à sociedade, não tenho problema de preconceito, no meu caso hoje, na minha cabeça, eu acho que ainda existe o preconceito, na minha época o preconceito era muito mais. Hoje ainda existe mas é menos, porque algumas pessoas estão vendo com outros olhos, e hoje me sinto bem praticando o basquete de cadeira de roda.

Sueli: Queria que você falasse um pouco de sua experiência profissional

Ajagunã: A minha vida profissional também foi difícil, na época, existiam poucas pessoas com deficiência, não existia a luta que existe hoje. Hoje existe um movimento que luta, existe uma lei.

Sueli: Você diz na sua época?

Ajagunã: Na época em que eu nascia, 30 anos atrás era muito mais difícil para arrumar emprego, não existiam os movimentos que existem hoje. Não existiam movimentos para empregos, as pessoas não importavam com a quantidade de 5 % que hoje é imposta pela lei. Hoje 5% tem que ser destinado para empresas, desde que a empresa tenha mais de 100 funcionários, que pelo meu visto não é bem empregado, pois existem muitas empresas que tem esse numero e não cumpre

Sueli: Com relação a sua formação o que você poderia dizer?

Ajagunã: Com relação a minha formação, também foi uma barra, encontrei muitas dificuldades arquitetônica, inclusive existente até hoje. Você vai às escolas, você vê que não existem rampas. Existem várias escolas que não existem rampas para as pessoas deficientes, que depende de cadeira de rodas. Por exemplo: Você vai ao centro, no miolo central, na rua quinze você tudo lindo, maravilhoso, mas, se você sair um pouco doanel central, ir um pouco para a redondeza, você encontrar pessoas que não tem nenhuma condição de andar nas calçadas com a cadeira de rodas. Inclusive eu fiz um teste uma vez, eu uso bengalas tenho uma perna boa, mas infelizmente uns anos atrás eu fraturei esta perna boa e tive que andar de cadeira de rodas, eu preferia andar na rua onde me sentia mais seguro do que andar nas calçadas onde a qualquer momento encontrava um buraco e caia. Eu cheguei a cair várias vezes da cadeira

Sueli: Na dificuldade as pessoas te ajudavam?

Ajagunã: Eram poucas as pessoas que me ajudavam, poucas pessoas mesmo! As pessoas vivem em um mundo, em que só andam correndo atrás do dinheiro, mundo individualista, é só correria. Não existe o amor que existia a 30 a 40 anos atrás. As pessoas tinham mais amor um pelo outro, hoje não existe mais. Hoje se você cai, tem que se levantar sozinho, pois dependendo das pessoas irão te ignorar, achando que se te ajudarem ele vão contrair a doença. Eles acham que vão portar também a Poliomielite só porque ajudou. No ônibus, por exemplo, se você entrar as pessoas não te dão o lugar, você tem que ir pendurado.

Sueli: Mas não existe as vagas ditas para o deficiente, gestantes, etc....

Ajagunã: A vaga para o deficiente, rrsrrsrrs. Inclusive eu faço até um desafio, se as pessoas quiserem ir comigo filmando, vão perceber que as vagas são ocupadas por outras pessoas que são normais. E quando elas vêem um deficiente elas olham para cima, outras disfarçam que estão dormindo, tudo isto para não ceder o banco, é terrível! Principalmente no horário de pico que estão todos indo embora, querendo chegar em suas residências, ninguém é de ninguém.

Sueli: Eu queria que você falasse um pouco sobre sua escola

Ajagunã: Com relação à escola, em questão de uns 20 anos atrás era legal, como eu não tenho dificuldade em locomoção tenho muita habilidade com as muletas. Eu jogava futebol com 10 anos, eu sempre tive uma boa mobilidade com 1 perna, nunca tive problema com relação em fazer amizades na época. Eu fazia malabarismo, plantava bananeira e as pessoas gostavam, eu descia escada com as mãos, era bem legal, sempre me interagia bem com relação a isto. Interagia-me com as pessoas normalmente, não tinha dificuldades no colégio.

Sueli: E quantos as atividades dadas nas aulas de Educação Física.

Ajagunã:Eu participava de todas, jogava no gol com uma perna só, jogava futebol de salão, e o mais interessante eu detestava o basquete, eu via que o pessoal estava jogando eu já saía.

Sueli: Mas como veio este interesse pelo basquete adaptado?

Ajagunã: Eu sabia que vinha esta pergunta... rrsrrsrrs... Bom, o que aconteceu foi o seguinte, como eu já jogava futsal, eu recebi o convite de um amigo que trabalhava na época na Secretária da Cultura de Esportes, ele me convidou para fazer parte da sua equipe de basquete adaptado, me dizendo que eu tinha uma estatura muito boa. No primeiro momento eu me exaltei dizendo a ele: cadeira de rodas! Eu não vou sentar nisto daí, eu nunca sentei em cadeira de rodas, porque agora vou me sentar? Mas a insistência foi tanta por parte dele, que ele pediu que eu fosse lá só para experimentar. Marquei um dia e fui, em data e horário marcado, sem compromisso algum, só mesmo para conhecer. Quando eu cheguei o pessoal da equipe já estava me esperando, me preparei para entrar para conhecer ao

basquete adaptado, ele me batizaram, me derrubando da cadeira. Outros dias eu compareci, fui insistindo, me apaixonando e estou até hoje. Faz 27 anos que eu jogo, participei de 4 seleções, de jogos internacionais, fui para Uruguai jogar, viajei pelo mundo inteiro. Hoje faço coleção de medalhas tanto de ouro, prata e bronze.

Sueli: Voltando um pouco para a escola, você disse que participava de tudo, mas você via que as atividades eram adaptadas para você, ou você tinha que se adaptar as atividades?

Ajagunã: Bom, na época eu tinha que jogar como se fosse uma pessoa normal, ou seja, a canelada que eu dava no pessoal era muletada, para tirar a bola eu jogava a muleta na canela das pessoas, e eles também faziam as mesmas coisas, só que eles não utilizavam muletas eram pessoas normais. Nos anos 1970 a 1975 o futebol era mais fácil, as pessoas jogavam mais na bola, não é igual hoje cheio de malícias e violência, hoje as pessoas são treinadas para quebrar a perna um do outro, o futebol é muito violento (...). A uns 30 anos atrás estávamos na febre do Brasil Tricampeão mundial, era tudo mais tranquilo, pois as pessoas jogavam na bola. A muleta fazia parte do meu corpo, não tinha problema nenhum! Não tinha adaptação na época, hoje existe inclusive estudo sobre a deficiência, fica mais fácil. A tecnologia dos materiais, cadeira de roda, perna mecânica. Antigamente nada disso existia, a perna mecânica que é hoje, antes era a perna de pau. Hoje temos perna de titânio, temos vários tipos de pernas, existem pernas de 40 a 50 mil reais no mercado.

Sueli: A 30, 40 anos atrás não existia nem cadeira?

Ajagunã: A Cadeira na época em que nós começamos a jogar pesava 24 k, a cadeira era de ferro, não existia cadeira de alumínio como existe hoje. Hoje existe de titânio e fibra de carbono, como é nos EUA e Canadá. A cadeira no Brasil pesa em torno de 20 k hoje, e no EUA pesa 6, 7 k.

Sueli: Como você se sente perante os seus colegas e técnico, é um ambiente que te faz bem?

Ajagunã: Me sinto muito bem perante meus amigos e técnicos. É um ambiente que me faz muito bem. Depois que eu descobri definitivamente o basquete senti uma muito grande no meu dia a dia tanto emocional, pessoal e social. O basquete em cadeira de rodas para mim tem não só importância a nível esportivo como também em nível de vida, pois descobri que sem ele não conseguiria mais viver alegremente. É um ambiente que me faz tão bem, que você veja nos temos treinos normalmente, segunda, terça e sábado, se eu pudesse eu estaria toda hora dentro do ginásio, eu até moraria, pois para mim o esporte faz muito bem. Eu descarrego todas as energias negativas dentro da quadra.

Sueli: Que tipo de energia negativa você diz?

Ajagunã: Do dia a dia, tipo dificuldades de pegar um ônibus, olhares de pessoas que te olham diferente, e não te respeitam. Como por exemplo: Quando você entra em um ônibus e as pessoas te olham diferente, só porque você usa um par de muletas, as pessoas te olham e dizem estas pessoas não servem para mim, quantas vezes ouvi isto! O ideal seria se elas se aproximassem e conversassem, perguntando o que aconteceu? Qual é o seu problema? Mas não, elas te ignoram, parece que tem medo de chegar perto, achando que vai contrair a deficiência.

Você pode imaginar mais ou menos assim:

Você entra em um ônibus e todo mundo te dá à impressão que você é contagioso, ou seja, você vai transmitir certa doença, e isto não é legal! Isto é um dos pontos que quando vou treinar eu descarrego.

Sueli: Fale alguns dos momentos importantes em sua vida

Ajagunã: Momentos importantes...Foi que através do basquete eu descobri muitas coisas legais, viajei bastante, conheci pessoas interessantes e fiz muitas amizades com pessoas que tinham deficiências piores do que a minha. Somos uma equipe, eu adoro estar no meio do pessoal jogando basquete, viajar junto com eles, se eu pudesse estaria sempre viajando, disputando campeonatos e mais campeonatos. Outro momento importante foi o surgimento da minha esposa em minha vida e a construção da minha família, meus filhos são tudo para mim! Hoje

graças a Deus sou bem casado, minha família sempre me deu guarida, ela me dá suporte, para que eu possa praticar o meu esporte, me dá a maior força e apoio em tudo.

Sueli: Facilidades

Ajagunã: Me considero uma pessoa que tenho bastante facilidade para aprendizagem, seja ela no meio esportivo ou não. Tenho bastante facilidade para de fazer amizade, habilidade com as muletas, e com a cadeira de rodas.

Sueli: Queria que você dissesse quais as condições necessárias para que o aluno deficiente possa aprender.

Ajagunã: Primeiro lugar seriam as mudanças com relação aos professores, ou seja, existir um ensino para os professores, uma especialização para que eles aprendam lidar com a deficiência, porque tem muitas pessoas que não sabem lidar com as outras. Existem muitos professores hoje que vão lá dão a matéria e não quer saber do ser humano, vão lá aplicam a matéria e pronto! Aprendeu, aprendeu se não tchau

Sueli: Então com relação aos cuidados para você não existe?

Ajagunã: Os professores não se preocupam com o dia a dia do aluno, de repente nem sabe a rotina, não o conhecem. Os professores deveriam chegar, mais próximo conversar deles, ver como é o dia destas pessoas, para que eles mesmo passem a ter uma visão melhor sobre a deficiências. Eles deveriam entender melhor os deficientes.

Sueli: Papel da família

Ajagunã: É fundamental, é o primeiro, porque se ele tem uma família que lhe de um suporte ele terá uma base para suportar o que tem que enfrentar na rua. A família tem que orientá-lo não deve prendê-lo dentro de sua residência, dentro do seu mudo. Antigamente era assim.

Sueli: E hoje você acha que ainda existe isto?

Ajagunã: Hoje ainda existe, porque você veja, Curitiba que é uma cidade boa, as pessoas a consideram cidade de primeiro mundo é o lugar que mais se tem pessoas com deficiência, segundo um artigo que eu li. E nós não vemos estas pessoas, tanto é que no Basquete mesmo estamos tentando renovar o time e não conseguimos pessoas para praticar o esporte. Onde estão estas pessoas? Ou a mídia não divulga ou elas estão dentro de suas casas.

Sueli: Atividades pessoais, lazer, família e social.

Ajagunã: Eu gosto muito de piscina, rios, chácaras, praias, finais de semana de estar junto da minha família e amigos, jogar um futebol, viajar, treinar basquete e ir para campeonatos.

## TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS DE ABÁ

Sueli: eu queria que você relatasse um pouco sobre sua experiência de vida sobre seus anseios?

Abá: tenho 18 anos de idade e faz seis anos que estou em uma cadeira de rodas, fiquei deficiente aos doze anos de idade. Até os doze anos eu tinha uma vida normal. "Normal" né?".Eu jogava bola, fazia muita bagunça, pois eu era criança.

Sueli: Como era sua vida na escola? Com seus colegas

Abá: Era bem tranqüilo, era fácil fazer amizade, eu gostava muito de jogar bola, minha vida era bola era futebol, chegava da escola eu ia jogar futebol, de manhã ia jogar bola, na escola ia jogar bola.

Sueli: Antes de acontecer o acidente como eram suas aulas de Educação Física?

Abá: Era normal, eu pratica mais futebol, era futebol de campo, de salão, de botão, vôlei eu nunca gostei, Ah! E eu nunca gostei do basquete, para mim eu nunca iria jogar esporte.

Sueli: Então você tinha uma vida muito ativa, não é?

Abá: Realmente eu tinha, eu não parava, quando eu não estava jogando bola eu estava soltando raia no meio da rua, ou estava correndo atrás, rrsrs, estava a todo o momento brincando. Com 12 anos de idade eu levei tiro enganado, no lugar de outras pessoas, aqui na frente da casa da minha tia, não sei porque.

Sueli: Foi a partir daí que ocorreu a deficiência?

Abá Sim, foi a partir destes tiros que ocorrerem à deficiência, os tiros acertaram a coluna, me deixando paraplégico.

Sueli: Como foi esta questão, você falou que levou os tiros enganado?

Abá: É, eu e minhas primas fomos confundidos com uma gangue de bandidos, uns pias da vila, nos confundiram com eles, eles pensaram que nós éramos a gangue, mas não éramos, nos estávamos somente ali, pois era noite de Natal. Estávamos ali nos preparando para cumprimentar um o outro o outro desejar um Feliz natal. Neste acidente, havia um colega meu que morreu, ele tinha acabado de chegar da praia, ele tinha vindo nos ver, fazia muito tempo que a gente não nos víamos, tudo foi muito rápido, quando vimos já estávamos no Hospital, sem saber o que tinha acontecido, nem passava pela cabeça.

Sueli: Como ocorreu esta confusão? você estava na frente da sua casa?

Abá: Ah! eu tinha acabado de chegar da rua eu estava jogando bola com os amigos, em pleno Natal eu estava jogando bola, para você ver como eu gostava da bola mesmo. Eu cheguei e fui direto falar com minha avó, pois eu queria tomar café, estava com fome. Eu fiquei perturbando ela, vó tem café? Vó eu quero café! A minha avó me respondeu, não! eu vou esquentar comida para você, então eu disse, ah! Então vou ali na frente da casa.

Eu peguei a bola e fui para frente da casa, estava eu batendo bola no meio fio, na beirada da rua, tinha bastante gente, estava eu minhas primas, meus primos, meus colegas, quando veio um carro escuro, todo escuro, com isto ninguém imaginava, não passou pela minha cabeça, se eu soubesse que os caras iriam atirar eu não estaria ali.

Eu só me lembro quando eu caí no chão e minha avó veio correndo para me socorrer, minha tia também veio correndo, ela chamou um rapaz, um vizinho que estava dormindo, ele me colocou dentro do carro me levando para o hospital. Nesta noite foram atingidas nove pessoas, uma mulher vizinha que levou um tiro na perna, ela estava amamentando sua filha, não tinha nada haver, minha prima também foi atingida no pulmão tendo dificuldade para respirar, pois estava sangrando para dentro e também foram atingidas outras pessoas

Minha tia achou que eu tinha morrido eu estava ouvindo e vendo, mas não conseguia falar, eu não cheguei a desmaiar. Minha tia me dava tapa no rosto, dizendo acorda Bruno! Acorda! ela estava desespera, naquela confusão toda.

Sueli: Estas pessoas que atingiram eram policiais?

Abá: Não, eram bandidos que estavam atrás de outros bandidos, e eles pensaram que eram a gente.

Sueli: Mas eles não viram que vocês eram crianças?

Abá: Nós éramos crianças, mas bem desenvolvidas, minhas primas crianças, já pareciam mulheres, eles pensaram que nós éramos e vieram atirando, isto de dentro do carro, eles não desceram, era noite ainda, tinha quatro pessoas atirando.

Sueli: E vocês descobriram porque eles atiraram?

Abá: Depois nós descobrimos, eles queriam mesmo é pegar um outro pia que fazia parte de uma gangue, que morava na outra rua, mas depois que foi feito, não adianta mais nada.

Sueli: Como recebeu a notícia? O que sentiu?

Abá: Depois de uns dias, minha tia que eu sempre morei com ela, veio me falar, que eu não ia mais andar, que eu ia ficar em uma cadeira, para mim foi normal eu receber esta notícia, pois com 10 anos já tinha perdido meu pai, aí com 11 minha mãe morreu, foi mais difícil para minha tia me falar do que eu receber a notícia. Eu disse a ela que não podia fazer nada, não posso abaixar a cabeça.

Sueli: Mas como assim para você foi normal?

Abá: Ah! Foi fácil superar, eu sou muito fácil, eu não tenho aquela coisa de ficar deprimido, eu sou muito fácil de superar as coisas. Para mim aconteceu aqui, daqui a dez minutos para mim já esta tudo normal, já faço de conta que não aconteceu nada, para mim é muito fácil. Para você vê eu perdi meu pai, depois

minha mãe e logo depois fiquei em uma cadeira de rodas, tudo mundo pensou que eu ia morrer por isso.

Sueli: A perda do seu pai e da sua mãe, você em uma cadeira de roda, isto te ocasionou alguma coisa, você diz que foi normal, mas não é normal!

Abá: É, foi fácil superar, não é normal, né? Foi fácil superar não sou muito dramático, eu não poderia ficar dizendo, a meu pai! a minha mãe! Quando tem de acontecer às coisas acontece, não tem como! você pode chorar ali, mas fazer o que, depois que morreu...

Sueli: Você ficou quantos dias no hospital, teve atenção dos profissionais, dos médicos?

Abá: Fiquei 21 dias no hospital internado, eu tive muita atenção dos médicos, dos colegas. Quando eu cheguei em casa todos vieram me ver, tenho amizade com quase toda a vila.

Sueli: E o papel da família?

Abá: Foi excelente, mesmo eu não tendo meu pai e nem minha mãe, a minha tia e toda família, como meu tio, minha avó, meus primos/as, com eu moro, sempre me deram muita força.

Sueli: Você é filho único?

Abá: Não, tenho 4 irmãos, minha irmã mora com a gente, e os meus dois outros irmãos moram com a minha outra tia em outro bairro

Sueli: Você disse que não gostava do basquete, o que te levou a se interessar por este esporte?

Abá: Depois de 3 anos que eu já era deficiente, eu havia recebido o convite pelo Moisés, eu estava fazendo fisioterapia na ADFP . Eu não me interessei pelo basquete, eu gostava de jogar xadrez e tênis de mesa, estes eram o esporte que eu praticava na escola e em campeonatos. Eu nunca tive nem o interesse de ver como

era o basquete, depois que fui para Umuarama, em Cruzeiro do Oeste morar com minha tia, como eu jogava xadrez, eu fui participar em um campeonato, foi aí que eu conheci o Anselmo, técnico do time basquete de Umuarama. Ele era tanto técnico de basquete como também dava aulas de xadrez, foi aí que ele me perguntou se eu queria participar do basquete adaptado. Com estava tendo um campeonato próximo da UNIPAR, o técnico Anselmo me convidou, e eu fui para não fazer desfeita, rrsrs, você entendi? para não ficar dizendo ah!! não, não vou. Pois, foi a partir daí, da primeira vez que eu fui ver que eu acabei gostando, da primeira vez me derrubaram da cadeira, me mostraram como é que era, sentei na cadeira de basquete e andei bastante, daí disse: este é o esporte que eu quero, este eu não largo nunca mais! .Daí para frente, eu comecei a treinar, mesmo com dificuldade de ônibus de não ser adaptado e o estabelecimento ficando longe.

Sueli: E ficava longe o estabelecimento para você treinar?

Abá: Sim, 25 km , e era ônibus normal de linha normal, tinha que sempre ter alguém para me colocar dentro do ônibus, meu primo me ajudava bastante, ele sempre me ajudou.

Sueli: Você encontra muitas barreiras arquitetônicas?

Abá: Bastante! Tanto barreiras arquitetônicas como barreiras atitudinais. O ônibus mesmo é uma barreira, pois se não tiver ninguém para me ajudar não tem como eu subir. A maior dificuldade é para eu subir em um ônibus, o cobrador e o motorista, eles nem ligam, eles ficam somente olhando pelo espelho, acho que ficam se perguntando, será que ele já subiu? Será que ele ainda está lá?

Sueli: E quanto as suas experiência profissionais?

Abá: Eu não tenho muita, eu comecei a trabalhar faz pouco tempo, faz somente quatro meses, estou começando agora profissionalmente e estou gostando muito de correr atrás de minhas coisas conseguir meu próprio dinheiro, estou achando muito bom.

Sueli: E no trabalho você encontra dificuldade?

Abá: No trabalho não, a minha maior dificuldade é ir para o trabalho, em ter que pegar ônibus logo de manhã..rsrsrs..não sei de onde sai tanta gente, é muita gente dentro do ônibus..rsrsrsrs...é muito difícil.

Sueli: E você não encontra apoio para te ajudar?

Abá: Tipo, se esta cheio o ônibus eles olham para frente disfarçam e fazem de conta que nem viram, tem hora que eu nem entro, para não ficar pedindo dá licença por favor, pois tem gente que você pede licença e eles fazem de conta que não ouvem

Sueli: Mas não existe o lugar apropriado, para deficientes físicos?

Abá: Sim existe, mas ficam ocupados por outras pessoas, que são "ditas normais", quantas vezes aconteceu de eu ter que ir segurando no ferro, pois existia alguém no lugar e não saia. Quantas vezes? Quantas vezes do motorista fechar a porta e eu nem ter entrado, a porta bater na cadeira, fechando a cadeira, até me derrubar. Já me derrubaram várias vezes, desta ultima vez, eu caí próximo ao meu serviço, o rapaz não esperou eu entrar no elevador e eu caí fora do ônibus. O motorista veio ajudar porque eu chamei, o cobrador que havia mexeu no elevador ficou olhando da janela, o motorista apenas me perguntou, machucou? Eu respondi: claro que machucou, você acha que não ia me machucar? Ele me estendeu a mão, acho que ele achou que eu ia conseguir me levantar, mas eu disse que ele tinha que tinha força nas pernas, que ele tinha mesmo que me levantar. As pessoas não estão preparadas para este tipo de situação, se eu não tivesse chamado ninguém viria me ajudar.

Sueli: Com relação à escola que você freqüentou, antes da deficiência.

Abá: Eu tenho bastante lembrança..rsrsrs, eu ia quase sempre para diretoria, minha tia e minha avó , elas sempre eram chamadas na escola, pois eu era muito bagunceiro..rsrsrrsrs, na época não gostava muito de estudar, minha vida era bagunçar, jogar bola e se divertir

Sueli: Em que série era?

Abá: 5ª série

Sueli: E atualmente você gosta de estudar?

Abá: Sim...fui gostando de estudar, hoje já estou no 3ª ano, os professores da escola Dorival de Brito, me ajudaram bastante, me perguntavam quando via que eu estava com dificuldade. Todos os professores me ajudaram, na Ed. Física o professor me ensinou a jogar xadrez.

Sueli: E as outras atividades

Abá: Eu jogava vôlei, eles ficavam arremessando para mim.

Sueli: E os professores eles buscavam aprender com você, ou você que tinha que se adaptar a eles?

Abá: Um pouco eu me adaptava a eles, e um pouco eles se adaptavam a mim, por exemplo: no tênis de mesa eles não jogavam a bola em um lugar que eu não conseguia jogar, eles faziam até o ponto que eu conseguia.

Sueli: E o seu relacionamento com os seus colegas e professores do basquete?

Abá: Eu tenho um relacionamento muito bom na equipe, eu procuro ouvir sempre o que eles tem para me falar, pois eu estou aprendendo com eles. Eu não sou daquele tipo em que o técnico vem dar uma bronca, e eu pego e discuto com ele. No que ele me falar, ele pode estar brigando, ou me elogiando, eu sei que estou ali aprendendo, eu procuro sempre escutar. Em todos os lugares, no basquete ou não, eu procuro aprender com quem sabe mais do que eu.

Sueli: O que você pensa sobre a escola inclusiva?

Abá: Acho que a escola deveria se adaptar a certas coisas, por exemplo "ao deficiente", não somente as pessoas se adaptarem a ela. Cada vez esta surgindo mais e mais deficiente, e todos têm que estudar realmente para aprender, ninguém pode ficar analfabeto pelo resto da vida.

A escola tem que se adaptar, tem que ser feito rampas, as pessoas tem que olharem mais par os deficientes, por exemplo: na escola em que eu estou estudando tem escadas, mas tem salas, que não precisam de escada era mais fácil a diretora mudar a sala para um lugar que não precisa de escada, mas não adianta , ela deixou no setor de cima. Ai sempre eu tenho que subir e descer escada com ajuda dos colegas eles sempre me ajudam, sempre me oferecem. O Bruno quer uma força aí? E eu digo: claro que quero.

Sueli: Então você acha que a escola tem que sofrer estas modificações?

Abá: Ah! Sim, tem que estar modificando, a escola tem que se adaptar para receber os deficientes, sempre vai ter um ou outro, não vai ser a sala inteira deficientes..rsrsrs

Sueli: antes do acidente você era uma pessoa dita normal, qual era o seu olhar para as pessoas deficientes.

Abá: Apesar de na época eu ser muito criança eu considerava uma coisa normal. Igual toda criança vê, eu via como uma brincadeira, era legal você ver uma pessoa andando de cadeira de rodas, eu via assim, hoje eu já vejo diferente, eu penso que é uma coisa séria, pois ela não esta ali por que ela quer estar, se ela quisesse, ela não estaria andando de cadeira de rodas, andando com um par de muletas. E tem bastante pessoa que tem preconceito, os próprios colegas da gente têm preconceito.

Sueli: Você tem bastante dificuldade com a cadeira?

Abá: Locomoção não, eu tenho uma locomoção até que boa, eu ando sozinho quase nem peço ajuda, às vezes eu peço, mas de sacanagem, tipo dizendo você vai ajudar..rsrsrsr, você só vai ficar olhando. As vezes eu peço aos meus colegas para me empurrarem para eles aprenderem..rsrsrsrs. Tenho mais dificuldade na questão do ônibus, pois como eu já disse a maioria não são adaptados, alguns são, mas, não são todos. Todos deveriam ser, se tem 10 ônibus 1 é adaptado. Apesar de existir a lei que diz que 40% da frota tem que ser adaptado, mas normalmente eles colocam um ou dois ônibus, aí, por exemplo, terça e quinta eles colocam em manutenção, e

como você vai andar neste dia? Empurrado.é claro! Eles deveriam colocar o ônibus para fazer manutenção ao anoitecer e colocar o ônibus para funcionar durante o dia. E onde esta os direitos de ir e vir do deficiente ?

Sueli: Vc tem dificuldade para se locomover em Ctba

Abá: Sim tenho grande dificuldade em me locomover nas calçadas, no centro ou em qualquer outro lugar de Ctba, eu ando um pouco e já vou para a rua, os motorista não gostam muito, ficam buzinando, tem motorista que para o carro bem atrás da cadeira, para você olhar e sair.

Sueli: Hoje para você ir a escola fica muito longe? Você tem que ir de ônibus?

Abá: Mais ou menos, até dá para eu ir rodando a cadeira, mas é mais fácil ir de ônibus, só que no tubo em que eu descia na escola Mario Aguiar não tinha elevador, as pessoas me falavam porque eu não ligo para pedir que eles coloquem o elevador, mas eu digo: para que? Se eu ligo lá e eles demoram dois, três anos para eles virem às vezes dar uma olhada, isto é mesma coisa para arrumar quando estraga, eles dizem que se tem do outro lado para que arrumar este. O cobrador mesmo me relatou que só é arrumado quando estraga os dois.

Sueli: Momentos importantes na sua vida

Abá: O momento importante foi logo quando eu saí do hospital, eu tive o apoio de muitas pessoas, este foi um momento importante em minha vida. Tive apoio da minha família, dos meus colegas, e outro momento importante foi o basquete que me deram bastante apoio e estão me dando até hoje.

Sueli: O que você pretende com o basquete?

Abá: Eu pretendo me profissionalizar, aprender cada vez mais, pois ainda sou bebê neste esporte. Faz dois anos que eu estou praticando o basquete, e o meu objetivo é crescer.

Sueli: E no time você tem apoio dos colegas

Abá: Eles me dão bastante apoio, eu recebo tanto apoio dos colegas, como também do técnico. O técnico sempre quando estou fazendo alguma coisa errada ele me chama e diz o Bruno não é desse jeito, e acaba me ensinando a fazer da forma correta.

Sueli: E como você avalia a passagem pelas as instituições particulares, especializadas.

Abá: Os técnicos da fisioterapia me ajudavam bastante, pois no início eu tinha muita dificuldade, tinha dificuldade de empurrar a cadeira, vestir um tênis eu não conseguia, eles é que faziam tudo isto, de tirar e colocar o tênis eles me ensinaram tudo, aos poucos eu fui me vestindo sozinho e colocando o tênis sozinho.

Sueli: Qual foi o grau da sua deficiência?

Abá: Foi T6, eu não tenho nenhum controle em meu corpo, só que eu procuro sempre me adaptar, eu procuro sempre achar uma forma...rsrsrsrs

Sueli: Seus momentos pessoais, lazer, família e social.

Abá: Eu gosto muito de sair com meus colegas de estar sempre com eles, com minha família, meu lazer é jogar tênis de mesa, jogar sinuca, e jogar basquete.

Sueli: Você sempre procura sair com os mesmos amigos, ou procura diversificar.

Abá: Ah! Eu tenho bastantes amigos, em um final de semana eu saio com um, no outro eu saio com outros, com meus primos, não são sempre as mesmas pessoas que eu saio.

Sueli: E a família

Abá: Bom, com a família não muito, pois ela quase não sai, eles gostam muito de ficar em casa, eles trabalham bastante e não tem quase tempo para sair de casa, quando eles não estão no trabalho, estão me casa. Minha avó é bem caseira, às vezes eu saio com minhas primas e com minha irmã.

Sueli: Você pretende fazer uma faculdade futuramente?

Abá: Sim, penso em fazer faculdade ou um outro curso, mas o meu objetivo é mesmo o é basquete.

Sueli: Como você se sente no basquete

Abá: Eu me sinto bem, pretendo no futuro me sentir uma estrela, estou treinando para isto, chego lá sempre as 17:00 hs e treino para isto, para no futuro me sentir está estrela.